

16 e 17  
Setembro  
2010

# FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA

*Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa*

5<sup>o</sup>

Livro de Resumos  
*Abstract book*

16 e 17  
Setembro  
2010

# FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA

*Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa*

5<sub>0</sub>

Livro de Resumos  
*Abstract book*

Universidade Nova de Lisboa

---

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

**V FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA**  
**V Forum for Linguistic Sharing**

Livro de Resumos

*Abstract Book*

**Lisboa**

**16 e 17 de Setembro de 2010**

Universidade Nova de Lisboa

---

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

**V FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA**  
**V Forum for Linguistic Sharing**

Livro de Resumos

*Abstract Book*

**Lisboa**

**16 e 17 de Setembro de 2010**



*apoios:*



*apoios:*

## **Comissão Científica | Scientific committee**

Professora Doutora Alexandra Fiéis  
Professora Doutora Alexandra Pinto  
Professora Doutora Alina Villalva  
Professora Doutora Ana Castro  
Professora Doutora Ana Lúcia Santos  
Professora Doutora Ana Madeira  
Professora Doutora Ana Maria Brito  
Professora Doutora Antónia Coutinho  
Professora Doutora Armanda Costa  
Professora Doutora Clara Nunes Correia  
Professora Doutora Clarinda Maia  
Professora Doutora Cristina Martins  
Professora Doutora Ernestina Carrilho  
Professora Doutora Fátima Oliveira  
Professora Doutora Florencia Miranda  
Professora Doutora Isabel Margarida Duarte  
Professora Doutora Isabel Tomás  
Professor Doutor João Costa  
Professor Doutor João Veloso

Professor Doutor Luis Passeggi  
Professor Doutor Manuel Célio Conceição  
Professora Doutora Margarita Correia  
Professora Doutora Maria Aldina Marques  
Professora Doutora Maria da Felicidade Morais  
Professora Doutora Maria da Graça Pinto  
Professora Doutora Maria de Lourdes Crispim  
Professora Doutora Maria do Céu Caetano  
Professora Doutora Maria Francisca Xavier  
Professora Doutora Maria Helena Mira Mateus  
Professora Doutora Maria João Freitas  
Professora Doutora Maria Lobo  
Professora Doutora Marina Vigário  
Professora Doutora Mônica Cavalcante  
Professora Doutora Rita Marquilhas  
Professor Doutor Rui Pereira  
Professora Doutora Rute Costa  
Professora Doutora Teresa Brocardo  
Professora Doutora Teresa Lino

## **Comissão Organizadora | Organizing Committee**

Ana Sofia Deus  
Camile Tanto  
Carolina Silva  
Evódia Gomes Graça  
Joana Cerejeira  
Larysa Shotropa

Lúcia Gonçalves da Cunha  
Noémia Jorge  
Teresa Santos  
Sebastião Silva Filho

## **Comissão Científica | Scientific committee**

Professora Doutora Alexandra Fiéis  
Professora Doutora Alexandra Pinto  
Professora Doutora Alina Villalva  
Professora Doutora Ana Castro  
Professora Doutora Ana Lúcia Santos  
Professora Doutora Ana Madeira  
Professora Doutora Ana Maria Brito  
Professora Doutora Antónia Coutinho  
Professora Doutora Armanda Costa  
Professora Doutora Clara Nunes Correia  
Professora Doutora Clarinda Maia  
Professora Doutora Cristina Martins  
Professora Doutora Ernestina Carrilho  
Professora Doutora Fátima Oliveira  
Professora Doutora Florencia Miranda  
Professora Doutora Isabel Margarida Duarte  
Professora Doutora Isabel Tomás  
Professor Doutor João Costa  
Professor Doutor João Veloso

Professor Doutor Luis Passeggi  
Professor Doutor Manuel Célio Conceição  
Professora Doutora Margarita Correia  
Professora Doutora Maria Aldina Marques  
Professora Doutora Maria da Felicidade Morais  
Professora Doutora Maria da Graça Pinto  
Professora Doutora Maria de Lourdes Crispim  
Professora Doutora Maria do Céu Caetano  
Professora Doutora Maria Francisca Xavier  
Professora Doutora Maria Helena Mira Mateus  
Professora Doutora Maria João Freitas  
Professora Doutora Maria Lobo  
Professora Doutora Marina Vigário  
Professora Doutora Mônica Cavalcante  
Professora Doutora Rita Marquilhas  
Professor Doutor Rui Pereira  
Professora Doutora Rute Costa  
Professora Doutora Teresa Brocardo  
Professora Doutora Teresa Lino

## **Comissão Organizadora | Organizing Committee**

Ana Sofia Deus  
Camile Tanto  
Carolina Silva  
Evódia Gomes Graça  
Joana Cerejeira  
Larysa Shotropa

Lúcia Gonçalves da Cunha  
Noémia Jorge  
Teresa Santos  
Sebastião Silva Filho



Neste livro, os resumos estão organizados de acordo com a ordem das comunicações.  
The abstracts in this book are organized according to presentation order.

Neste livro, os resumos estão organizados de acordo com a ordem das comunicações.  
The abstracts in this book are organized according to presentation order.

**Resumo / Abstract**

**P.**

*Uma Abelha na Chuva, de Carlos de Oliveira: uma análise linguística dos mecanismos de responsabilidade enunciativa*

Noémia Jorge & Rosário Luís

1

*The Person Marking System in Ancash Quechua*

Félix Julca-Guerrero

2

*A análise da relação entre compreensão e aspectos prosódicos na leitura em voz alta de falantes do PE e do PB*

Camila Leite

4

*Practices and speech of the Human Rights in Colombia: analysis of the correspondence between the Italian Network of Solidarity with the Colombian Communities of Peace and Colombian Government 2002-2006*

Natalia Biffi Hernandez

6

*A prosódia no efeito Garden-Path: um estudo comparativo entre PB e PE*

Aline Fonseca

7

*“Imagine, não precisava...” ou rituais de agradecimento no português do Brasil com aplicabilidade em português como segunda língua para estrangeiros*

Maristela Gripp

9

*Os manuscritos saussureanos: leituras do “Première Conférence à l’Université”*

Eliane Silveira

10

*Ensino da Língua Portuguesa na Rússia*

Larysa Shotropa

11

## Resumo / Abstract

P.

*Uma Abelha na Chuva, de Carlos de Oliveira: uma análise linguística dos mecanismos de responsabilidade enunciativa*

Noémia Jorge & Rosário Luís

1

*The Person Marking System in Ancash Quechua*

Félix Julca-Guerrero

2

*A análise da relação entre compreensão e aspectos prosódicos na leitura em voz alta de falantes do PE e do PB*

Camila Leite

4

*Practices and speech of the Human Rights in Colombia: analysis of the correspondence between the Italian Network of Solidarity with the Colombian Communities of Peace and Colombian Government 2002-2006*

Natalia Biffi Hernandez

6

*A prosódia no efeito Garden-Path: um estudo comparativo entre PB e PE*

Aline Fonseca

7

*“Imagine, não precisava...” ou rituais de agradecimento no português do Brasil com aplicabilidade em português como segunda língua para estrangeiros*

Maristela Gripp

9

*Os manuscritos saussureanos: leituras do “Première Conférence à l’Université”*

Eliane Silveira

10

*Ensino da Língua Portuguesa na Rússia*

Larysa Shotropa

11

|   |    |
|---|----|
| <i>Nominalization of adjectives in French: the rules and the semantic criteria</i><br>Aurore Koehl  | 13 |
| <i>Mayan Voices from la Huasteca. Documentation of an endangered language from Mexico</i><br>Ana Kondic   | 15 |
| <i>Alternância causativa em verbos psicológicos</i><br>Aline Rodrigues & Teresa Wachowicz   | 16 |
| <i>Where is the agent hiding?</i><br>Andrea Márkus  | 17 |
| <i>Proposta de um vocabulário contrastivo de Culinária: Português Brasileiro / Português Europeu</i><br>Meire de Souza Lara                           | 19 |
| <i>A comparative view on answering strategies and new information subjects in Brazilian Portuguese and Finnish</i><br>Lena Dal Pozzo & Simone Guesser | 21 |
| <i>A promoção da língua nacional brasileira no exterior: uma análise das iniciativas do Ministério das Relações Exteriores</i><br>Leandro Diniz       | 23 |
| <i>Posicionamentos do Frevo no discurso literomusical brasileiro – ethos e incorporação numa canção de Capiba</i><br>Júlio Vila Nova                  | 24 |
| <i>Terminologia do Direito Processual Civil em Cabo Verde</i><br>Evódia Graça   | 26 |
| <i>Definiteness in Aramaic-Syriac</i><br>Roula Skaf   | 27 |

|   |    |
|---|----|
| <i>Nominalization of adjectives in French: the rules and the semantic criteria</i><br>Aurore Koehl  | 13 |
| <i>Mayan Voices from la Huasteca. Documentation of an endangered language from Mexico</i><br>Ana Kondic   | 15 |
| <i>Alternância causativa em verbos psicológicos</i><br>Aline Rodrigues & Teresa Wachowicz   | 16 |
| <i>Where is the agent hiding?</i><br>Andrea Márkus  | 17 |
| <i>Proposta de um vocabulário contrastivo de Culinária: Português Brasileiro / Português Europeu</i><br>Meire de Souza Lara                           | 19 |
| <i>A comparative view on answering strategies and new information subjects in Brazilian Portuguese and Finnish</i><br>Lena Dal Pozzo & Simone Guesser | 21 |
| <i>A promoção da língua nacional brasileira no exterior: uma análise das iniciativas do Ministério das Relações Exteriores</i><br>Leandro Diniz       | 23 |
| <i>Posicionamentos do Frevo no discurso literomusical brasileiro – ethos e incorporação numa canção de Capiba</i><br>Júlio Vila Nova                  | 24 |
| <i>Terminologia do Direito Processual Civil em Cabo Verde</i><br>Evódia Graça   | 26 |
| <i>Definiteness in Aramaic-Syriac</i><br>Roula Skaf   | 27 |

|  |    |
|--|----|
| <i>O latinismo na lírica medieval galego-portuguesa</i><br>Francisco González Lousada  | 29 |
| <i>A influência de predicados coletivos e distributivos na resolução da anáfora conceitual</i><br>Mahayana Godoy   | 30 |
| <i>O vinho é festa! Análise de crónica radiofónica sobre o vinho</i><br>Carla Teixeira   | 32 |
| <i>Terminologia e diacronia – a neologia semântica em questão</i><br>Sebastião Silva Filho   | 33 |
| <i>On the lexicographic treatment of polysemous verbs in Greek-English Electronic Dictionaries: the case of avoίγω [an'yo]{open/turn on/unfold etc.}</i><br>Mary Marin | 34 |
| <i>As representações do professor sobre o seu agir em situação de socialização profissional</i><br>Camila Peixoto  | 36 |
| <i>Um estudo sobre a construção ser + participio passado inacusativo em Português Antigo</i><br>Ana Guilherme  | 37 |
| <i>A sintaxe cartográfica de 'lá' no português brasileiro</i><br>Bruna Pereira   | 38 |
| <i>A Complementação acusativo-infinitivo no Latim – uma abordagem gerativa</i><br>Jane Adriana de Castro   | 40 |

|  |    |
|--|----|
| <i>O latinismo na lírica medieval galego-portuguesa</i><br>Francisco González Lousada  | 29 |
| <i>A influência de predicados coletivos e distributivos na resolução da anáfora conceitual</i><br>Mahayana Godoy   | 30 |
| <i>O vinho é festa! Análise de crónica radiofónica sobre o vinho</i><br>Carla Teixeira   | 32 |
| <i>Terminologia e diacronia – a neologia semântica em questão</i><br>Sebastião Silva Filho   | 33 |
| <i>On the lexicographic treatment of polysemous verbs in Greek-English Electronic Dictionaries: the case of avoίγω [an'yo]{open/turn on/unfold etc.}</i><br>Mary Marin | 34 |
| <i>As representações do professor sobre o seu agir em situação de socialização profissional</i><br>Camila Peixoto  | 36 |
| <i>Um estudo sobre a construção ser + participio passado inacusativo em Português Antigo</i><br>Ana Guilherme  | 37 |
| <i>A sintaxe cartográfica de 'lá' no português brasileiro</i><br>Bruna Pereira   | 38 |
| <i>A Complementação acusativo-infinitivo no Latim – uma abordagem gerativa</i><br>Jane Adriana de Castro   | 40 |



***Uma Abelha na Chuva*, de Carlos de Oliveira: uma análise linguística dos mecanismos de responsabilidade enunciativa**

Noémia Jorge

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa | Bolseira FCT  
n.jorge@mail.telepac.pt

Rosário Luís

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa  
mrosario@sapo.pt

A linguística da enunciação, desenvolvida a partir da década de 60, veio permitir encarar o texto como uma entidade marcada pela heterogeneidade, decorrente de um processo cujas instâncias enunciativas se encontram situadas do ponto de vista temporal e espacial. De acordo com as diferentes correntes que a integram (incluindo as que retomam a perspectiva de Voloshinov), o texto passou, deste modo, a ser visto como uma entidade dialógica em que ecoam diferentes vozes e não como um produto unificado da responsabilidade de um único enunciador. Segundo Bronckart (1997), essas diferentes vozes são distribuídas em dois níveis distintos: as instâncias supra-ordenadas (narrador/textualizador) e as instâncias infra-ordenadas (vozes de personagens e vozes sociais).

Convictas de que *Uma Abelha na Chuva*, de Carlos de Oliveira, é uma obra paradigmática em termos de heterogeneidade enunciativa, propomo-nos analisar os mecanismos de responsabilidade enunciativa presentes em dois excertos da obra, escritos na primeira pessoa – a “confissão pasmosa” de Álvaro Silvestre e a carta de Leopoldino Silvestre ao irmão.

Demonstraremos, na nossa análise, que o narrador-textualizador acciona mecanismos específicos em termos de distribuição de vozes e de marcação de modalidades, adequados à personagem responsável pela enunciação. Incidiremos, sobretudo, na análise das diferentes marcas linguísticas que, presentes na confissão de Álvaro e na carta de Leopoldino, denunciam o posicionamento enunciativo destas duas personagens. Os resultados da análise linguística demonstrarão que os referidos mecanismos concorrem de forma inequívoca para a construção do universo diegético, na medida em que contribuem não só para a descrição psicológica de algumas personagens do romance, como também para a caracterização das relações (conflituosas) que se estabelecem entre elas.

***Uma Abelha na Chuva*, de Carlos de Oliveira: uma análise linguística dos mecanismos de responsabilidade enunciativa**

Noémia Jorge

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa | Bolseira FCT  
n.jorge@mail.telepac.pt

Rosário Luís

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa  
mrosario@sapo.pt

A linguística da enunciação, desenvolvida a partir da década de 60, veio permitir encarar o texto como uma entidade marcada pela heterogeneidade, decorrente de um processo cujas instâncias enunciativas se encontram situadas do ponto de vista temporal e espacial. De acordo com as diferentes correntes que a integram (incluindo as que retomam a perspectiva de Voloshinov), o texto passou, deste modo, a ser visto como uma entidade dialógica em que ecoam diferentes vozes e não como um produto unificado da responsabilidade de um único enunciador. Segundo Bronckart (1997), essas diferentes vozes são distribuídas em dois níveis distintos: as instâncias supra-ordenadas (narrador/textualizador) e as instâncias infra-ordenadas (vozes de personagens e vozes sociais).

Convictas de que *Uma Abelha na Chuva*, de Carlos de Oliveira, é uma obra paradigmática em termos de heterogeneidade enunciativa, propomo-nos analisar os mecanismos de responsabilidade enunciativa presentes em dois excertos da obra, escritos na primeira pessoa – a “confissão pasmosa” de Álvaro Silvestre e a carta de Leopoldino Silvestre ao irmão.

Demonstraremos, na nossa análise, que o narrador-textualizador acciona mecanismos específicos em termos de distribuição de vozes e de marcação de modalidades, adequados à personagem responsável pela enunciação. Incidiremos, sobretudo, na análise das diferentes marcas linguísticas que, presentes na confissão de Álvaro e na carta de Leopoldino, denunciam o posicionamento enunciativo destas duas personagens. Os resultados da análise linguística demonstrarão que os referidos mecanismos concorrem de forma inequívoca para a construção do universo diegético, na medida em que contribuem não só para a descrição psicológica de algumas personagens do romance, como também para a caracterização das relações (conflituosas) que se estabelecem entre elas.

A Linguística do Texto e do Discurso e, particularmente, o Interaccionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997) constituem o enquadramento teórico em que assenta este estudo. Em termos metodológicos, seguiremos uma abordagem de investigação descendente, transdisciplinar e qualitativa. Consequentemente, embora privilegiemos os pressupostos teórico-epistemológicos acima referidos – nomeadamente no que diz respeito à gestão das vozes enunciativas (vozes de personagens, vozes sociais), e à expressão das modalizações (lógicas, deônticas, apreciativas, pragmáticas) –, não descuremos outros contributos relevantes, nomeadamente no âmbito da enunciação (Authier-Revuz, 1984; Campos, 1997) e do discurso relatado (Duarte, 2003), a que acrescerão eventuais estudos sobre teoria e análise da narrativa.

### **Referências bibliográficas:**

- Authier-Revuz, J. 1984. “Hétérogénéité(s) Enonciative(s)”. *Langages*, 73. Paris: Larousse, pp. 98-110.
- Bronckart, J.-P. 1997. *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux & Niestlé.
- Campos, M. H. C. 1997. Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa. Porto: Porto Editora.
- Duarte, I. 2003. O Relato de Discurso na Ficção Narrativa – contributos para a análise da *construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### **The Person Marking System in Ancash Quechua**

Félix Julca-Guerrero

University of Texas at Austin

fjulca@mail.utexas.edu

Quechua is an indigenous language family spoken by 10 million people in the Andes and adjacent lowland regions of South America. Ancash Quechua is spoken in the north-central Peruvian Andes which is not mutually intelligible with other Quechuan languages spoken in other regions, such as Ayacucho and Cuzco in Peru, Cochabamba in Bolivia, and Imbabura in Ecuador (Luykx *et al.* 2006, Julca 2009, Parker 1976). In general, Quechua is an agglutinative language, which exhibits rich nominal and verbal morphology. This paper presents an analysis of the person marking system in Ancash Quechua focusing on subject and object agreement, and compares person marking in Ancash Quechua with that found in other Quechuan languages. Compared to some

A Linguística do Texto e do Discurso e, particularmente, o Interaccionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997) constituem o enquadramento teórico em que assenta este estudo. Em termos metodológicos, seguiremos uma abordagem de investigação descendente, transdisciplinar e qualitativa. Consequentemente, embora privilegiemos os pressupostos teórico-epistemológicos acima referidos – nomeadamente no que diz respeito à gestão das vozes enunciativas (vozes de personagens, vozes sociais), e à expressão das modalizações (lógicas, deônticas, apreciativas, pragmáticas) –, não descuremos outros contributos relevantes, nomeadamente no âmbito da enunciação (Authier-Revuz, 1984; Campos, 1997) e do discurso relatado (Duarte, 2003), a que acrescerão eventuais estudos sobre teoria e análise da narrativa.

### **Referências bibliográficas:**

- Authier-Revuz, J. 1984. “Hétérogénéité(s) Enonciative(s)”. *Langages*, 73. Paris: Larousse, pp. 98-110.
- Bronckart, J.-P. 1997. *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux & Niestlé.
- Campos, M. H. C. 1997. Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa. Porto: Porto Editora.
- Duarte, I. 2003. O Relato de Discurso na Ficção Narrativa – contributos para a análise da *construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### **The Person Marking System in Ancash Quechua**

Félix Julca-Guerrero

University of Texas at Austin

fjulca@mail.utexas.edu

Quechua is an indigenous language family spoken by 10 million people in the Andes and adjacent lowland regions of South America. Ancash Quechua is spoken in the north-central Peruvian Andes which is not mutually intelligible with other Quechuan languages spoken in other regions, such as Ayacucho and Cuzco in Peru, Cochabamba in Bolivia, and Imbabura in Ecuador (Luykx *et al.* 2006, Julca 2009, Parker 1976). In general, Quechua is an agglutinative language, which exhibits rich nominal and verbal morphology. This paper presents an analysis of the person marking system in Ancash Quechua focusing on subject and object agreement, and compares person marking in Ancash Quechua with that found in other Quechuan languages. Compared to some

other varieties, the Ancash Quechua person marking system exhibits both regular (1a, b and 3a-c) and irregular (2a, b) inflectional patterns.

- |    |   |  |  |
|----|---|--|--|
| 1. | a. kuya-ma-nki<br>love-1O-2S<br>'You love me'   | b. kuya-ma-n<br>love-1O-3S<br>'He/she loves me'            |  |
| 2. | a. kuya- <i>q</i><br>love-1S>2O<br>'I love you' | b. kuya- <i>shunki</i><br>love-3O>2O<br>'He/she loves you' |  |
| 3. | a. kuya-a<br>love-1S<br>'I love him/her'        | b. kuya-nki<br>love-2S<br>'You love him/her'               | c. kuya-n<br>love-3S<br>'He/she loves him/her' |

In the transition from 2S to 1O (1a) and from 3S to 1O (1b), the suffix *-ma* marks the object of the first person. In the transition from 1S to 3O (3a), 2S to 3O (3b) and 3S to 3O (3c), the object of the third person has no markings. In contrast with the first two cases, in the transitions from 1S to 2O (2a) and 3S to 2O (2b), the object of the second person appears marked together with the subject by two different amalgamated suffixes: *-q* '1S>2O' and *-shunki* '3S>2O'. In this study we focus on the irregularities of the patterns of the second person object marking based on the description and analysis of data from natural speech and contrastive information from other Quechuan languages. The data for our analysis were collected by the author during 2006 and 2008 in the Ancash region, and the data of other Quechuan languages come from grammars of Cole (1982), Cusihuaman (1976), and Soto (1976).

I claim that the remarkable divergence in the marking of the second person object is a consequence of the diachronic development of Ancash Quechua's inflectional system. In light of contemporary typological linguistic perspectives, I account for subject and object marking divergence with the hypothesis that it is conditioned by the person hierarchy, which is  $1 > 2 > 3$ , and is a result of historical stages of development of this language. Finally, this paper contributes an exhaustive systematic analysis to the study of the verbal morphology of Ancash Quechua.

other varieties, the Ancash Quechua person marking system exhibits both regular (1a, b and 3a-c) and irregular (2a, b) inflectional patterns.

- |    |   |  |  |
|----|---|--|--|
| 1. | a. kuya-ma-nki<br>love-1O-2S<br>'You love me'   | b. kuya-ma-n<br>love-1O-3S<br>'He/she loves me'            |  |
| 2. | a. kuya- <i>q</i><br>love-1S>2O<br>'I love you' | b. kuya- <i>shunki</i><br>love-3O>2O<br>'He/she loves you' |  |
| 3. | a. kuya-a<br>love-1S<br>'I love him/her'        | b. kuya-nki<br>love-2S<br>'You love him/her'               | c. kuya-n<br>love-3S<br>'He/she loves him/her' |

In the transition from 2S to 1O (1a) and from 3S to 1O (1b), the suffix *-ma* marks the object of the first person. In the transition from 1S to 3O (3a), 2S to 3O (3b) and 3S to 3O (3c), the object of the third person has no markings. In contrast with the first two cases, in the transitions from 1S to 2O (2a) and 3S to 2O (2b), the object of the second person appears marked together with the subject by two different amalgamated suffixes: *-q* '1S>2O' and *-shunki* '3S>2O'. In this study we focus on the irregularities of the patterns of the second person object marking based on the description and analysis of data from natural speech and contrastive information from other Quechuan languages. The data for our analysis were collected by the author during 2006 and 2008 in the Ancash region, and the data of other Quechuan languages come from grammars of Cole (1982), Cusihuaman (1976), and Soto (1976).

I claim that the remarkable divergence in the marking of the second person object is a consequence of the diachronic development of Ancash Quechua's inflectional system. In light of contemporary typological linguistic perspectives, I account for subject and object marking divergence with the hypothesis that it is conditioned by the person hierarchy, which is  $1 > 2 > 3$ , and is a result of historical stages of development of this language. Finally, this paper contributes an exhaustive systematic analysis to the study of the verbal morphology of Ancash Quechua.

**References:**

- Cerrón-Palomino, Rodolfo. 1987. *Lingüística Quechua*. 1ra. Edición. Cuzco: Centro Bartolomé de Las Casas.
- Cusihuaman, Antonio. 1976. *Gramática Quechua Cuzco-Collao*. Lima: Ministerio de Educación e Instituto de Estudios Peruanos.
- Luykx, Aurolyn; Julca, Felix y García, Fernando. 2006. Estrategias of Comunicación Interdialectal en Quechua. En *the Archive of Indigenous Languages of Latin America Proceedings Archive*. Austin, Texas.
- Parker, Gary. 1976. *Gramática Quechua Ancash-Huailas*. Lima: Ministerio de Educación e Instituto de Estudios Peruanos.
- Soto, Clodoaldo. 1976. *Gramática Quechua Ayacucho-Chanca*. Lima: Ministerio de Educación e Instituto de Estudios Peruanos.

**A análise da relação entre compreensão e aspectos prosódicos na leitura em voz alta de falantes do PE e do PB**

Camila Leite

UFMG/ FLUL-LabPsicoling | Bolseira CAPES

ctlcamila@yahoo.com.br

As dificuldades de leitura são uma queixa frequente tanto no âmbito escolar quanto no atendimento clínico por psicólogos, psicopedagogos e terapeutas da fala. A análise das dificuldades cognitivas relacionadas aos problemas de leitura e escrita é de fundamental importância para o desenvolvimento de modelos teóricos explicativos que identifiquem as diversas habilidades necessárias para que a leitura e a escrita ocorram de forma competente, permitindo diagnóstico e intervenção eficazes.

Embora saibamos das dificuldades de leitura, manifestadas por crianças e adultos (mais percebida na leitura oral), não há, a nosso ver, estudos mais detalhados sobre a manifestação prosódica como indicação de que o texto está sendo gramaticalmente bem (ou mal) processado, isto é, de que está sendo compreendido ou não, e poucos estudos tratam da variação da fluência relacionando-a à idade e à escolaridade, simultaneamente.

Sabe-se que fluência na leitura não se limita à decodificação de palavras, mas estende-se também à utilização adequada dos aspectos prosódicos. E estes são necessários para que haja compreensão eficiente do texto lido (Schreiber, 1991; Breznitz, 2006).

**References:**

- Cerrón-Palomino, Rodolfo. 1987. *Lingüística Quechua*. 1ra. Edición. Cuzco: Centro Bartolomé de Las Casas.
- Cusihuaman, Antonio. 1976. *Gramática Quechua Cuzco-Collao*. Lima: Ministerio de Educación e Instituto de Estudios Peruanos.
- Luykx, Aurolyn; Julca, Felix y García, Fernando. 2006. Estrategias of Comunicación Interdialectal en Quechua. En *the Archive of Indigenous Languages of Latin America Proceedings Archive*. Austin, Texas.
- Parker, Gary. 1976. *Gramática Quechua Ancash-Huailas*. Lima: Ministerio de Educación e Instituto de Estudios Peruanos.
- Soto, Clodoaldo. 1976. *Gramática Quechua Ayacucho-Chanca*. Lima: Ministerio de Educación e Instituto de Estudios Peruanos.

**A análise da relação entre compreensão e aspectos prosódicos na leitura em voz alta de falantes do  
PE e do PB**

Camila Leite

UFMG/ FLUL-LabPsicoling | Bolseira CAPES

ctlcamila@yahoo.com.br

As dificuldades de leitura são uma queixa frequente tanto no âmbito escolar quanto no atendimento clínico por psicólogos, psicopedagogos e terapeutas da fala. A análise das dificuldades cognitivas relacionadas aos problemas de leitura e escrita é de fundamental importância para o desenvolvimento de modelos teóricos explicativos que identifiquem as diversas habilidades necessárias para que a leitura e a escrita ocorram de forma competente, permitindo diagnóstico e intervenção eficazes.

Embora saibamos das dificuldades de leitura, manifestadas por crianças e adultos (mais percebida na leitura oral), não há, a nosso ver, estudos mais detalhados sobre a manifestação prosódica como indicação de que o texto está sendo gramaticalmente bem (ou mal) processado, isto é, de que está sendo compreendido ou não, e poucos estudos tratam da variação da fluência relacionando-a à idade e à escolaridade, simultaneamente.

Sabe-se que fluência na leitura não se limita à decodificação de palavras, mas estende-se também à utilização adequada dos aspectos prosódicos. E estes são necessários para que haja compreensão eficiente do texto lido (Schreiber, 1991; Breznitz, 2006).



Grande parte dos trabalhos que têm levado à formulação dos modelos de leitura teve como base a investigação dos fatores que exercem influência no processamento de palavras isoladas (McClelland; Rumelhart, 1981; Seidenberg; McClelland, 1989). No entanto, a maioria dos textos lidos em voz alta, como é o caso do estudo que propomos, não consiste de sentenças isoladas. As sentenças encontram-se agrupadas em unidades maiores de significado, contidas em parágrafos e textos completos. Dessa forma, o leitor é capaz de sinalizar, por meio da entoação, a organização de unidades do discurso.

Interessa-nos saber:

1. Como os leitores do PB e do PE organizam e segmentam o texto lido?
2. Há relação entre segmentação e compreensão?
3. A forma como o texto é segmentado dá indicação de fluência?
4. Quais aspectos prosódicos estão presentes em um texto que é lido fluentemente por um leitor habilidoso?
5. Quais as conseqüências dos processos de integração da informação na prosódia / na fluência / na organização dos constituintes prosódicos?

Nosso *corpus* consistirá da gravação de 30 sujeitos brasileiros e 30 portugueses, sendo 10 com 11 anos, 10 com 15 anos e 10 com 19 anos, em ambas as nacionalidades. Os dados são da leitura dos textos: “O ratinho Dadá” e “A Amazônia”. Estes apresentam diferentes graus de dificuldade para os leitores.

Foi aplicado um teste de compreensão com o objetivo de manter a atenção dos sujeitos no texto lido e o foco na compreensão do mesmo. As leituras foram segmentadas conforme os constituintes prosódicos (NESPOR; VOGEL 1986). Elaboramos uma matriz prosódica esperada e comparamo-la com os resultados encontrados nas leituras realizadas.

A análise entoativa inicial pôde confirmar a organização do texto e pudemos, então, arrancar uma discussão sobre a relação entre fluência, compreensão e prosódia.

A observação e comparação das pistas prosódicas utilizadas na leitura oral pelos sujeitos poderão oferecer suporte para a elaboração de práticas pedagógicas para o ensino da leitura mostrando aspectos prosódicos que possam melhorar a compreensão do texto por parte do leitor.

Grande parte dos trabalhos que têm levado à formulação dos modelos de leitura teve como base a investigação dos fatores que exercem influência no processamento de palavras isoladas (McClelland; Rumelhart, 1981; Seidenberg; McClelland, 1989). No entanto, a maioria dos textos lidos em voz alta, como é o caso do estudo que propomos, não consiste de sentenças isoladas. As sentenças encontram-se agrupadas em unidades maiores de significado, contidas em parágrafos e textos completos. Dessa forma, o leitor é capaz de sinalizar, por meio da entoação, a organização de unidades do discurso.

Interessa-nos saber:

1. Como os leitores do PB e do PE organizam e segmentam o texto lido?
2. Há relação entre segmentação e compreensão?
3. A forma como o texto é segmentado dá indicação de fluência?
4. Quais aspectos prosódicos estão presentes em um texto que é lido fluentemente por um leitor habilidoso?
5. Quais as conseqüências dos processos de integração da informação na prosódia / na fluência / na organização dos constituintes prosódicos?

Nosso *corpus* consistirá da gravação de 30 sujeitos brasileiros e 30 portugueses, sendo 10 com 11 anos, 10 com 15 anos e 10 com 19 anos, em ambas as nacionalidades. Os dados são da leitura dos textos: “O ratinho Dadá” e “A Amazônia”. Estes apresentam diferentes graus de dificuldade para os leitores.

Foi aplicado um teste de compreensão com o objetivo de manter a atenção dos sujeitos no texto lido e o foco na compreensão do mesmo. As leituras foram segmentadas conforme os constituintes prosódicos (NESPOR; VOGEL 1986). Elaboramos uma matriz prosódica esperada e comparamo-la com os resultados encontrados nas leituras realizadas.

A análise entoativa inicial pôde confirmar a organização do texto e pudemos, então, arrancar uma discussão sobre a relação entre fluência, compreensão e prosódia.

A observação e comparação das pistas prosódicas utilizadas na leitura oral pelos sujeitos poderão oferecer suporte para a elaboração de práticas pedagógicas para o ensino da leitura mostrando aspectos prosódicos que possam melhorar a compreensão do texto por parte do leitor.

### **Referências Bibliográficas:**

- Shreiber, PA. 1991. Understanding prosody's role in reading acquisition. *Theory into Practicise*. v. 30, n 3, p. 158-164.
- Breznitz, Z. 2006. Fluency in reading: synchronization of processes. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- McClelland, J.; Rumelhart, D. E. 1981. An interactive activation model of context effects in letter perception: part 1. An account of basic findings. *Psychological Review*, v. 88, p. 375-407.
- Seidenberg, M.S.; McClelland, J. 1989. A distributed, developmental model of word recognition and naming. *Psychological Review*, 96, p. 523-568.
- Nespor, M.; Vogel, I. 1986. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.

**Practices and speech of the Human Rights in Colombia:  
analysis of the correspondence between the Italian Network of Solidarity with the Colombian Communities  
of Peace and Colombian Government 2002-2006**

Natalia Biffi Hernandez  
Universidad Pompeu Fabra  
nabiffi@hotmail.com

“Practices and speech of the Human Rights in Colombia: analysis of the correspondence between the Italian Network of Solidarity with the Colombian Communities of Peace and Colombian Government 2002-2006” is a research that aims to analyze some discursive operations that articulate the speech of the respect, or not, of the human rights in Colombia and the representations that emerge from this.

The material of study is composed by 62 letters (alerts, requests and denunciations) that the Italian Network has sent to the Colombian Government (President, Vice-president and organs of control) and 34 answers, also written communications or letters, some accompanied by official documents as minutes, reports and others documents; signed by government employees of the State and political representatives of the Government.

Through this study, specifically, I attempt to: (i) Describe the discursive interaction and the actors of the Colombian human rights speech, specifically those involved in the exchange of letters of our corpus, (ii) Identify the discursive operations involved in the configuration of the representations that come into view from such

### **Referências Bibliográficas:**

- Shreiber, PA. 1991. Understanding prosody's role in reading acquisition. *Theory into Practicise*. v. 30, n 3, p. 158-164.
- Breznitz, Z. 2006. Fluency in reading: synchronization of processes. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- McClelland, J.; Rumelhart, D. E. 1981. An interactive activation model of context effects in letter perception: part 1. An account of basic findings. *Psychological Review*, v. 88, p. 375-407.
- Seidenberg, M.S.; McClelland, J. 1989. A distributed, developmental model of word recognition and naming. *Psychological Review*, 96, p. 523-568.
- Nespor, M.; Vogel, I. 1986. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.

**Practices and speech of the Human Rights in Colombia:  
analysis of the correspondence between the Italian Network of Solidarity with the Colombian Communities  
of Peace and Colombian Government 2002-2006**

Natalia Biffi Hernandez  
Universidad Pompeu Fabra  
nabiffi@hotmail.com

“Practices and speech of the Human Rights in Colombia: analysis of the correspondence between the Italian Network of Solidarity with the Colombian Communities of Peace and Colombian Government 2002-2006” is a research that aims to analyze some discursive operations that articulate the speech of the respect, or not, of the human rights in Colombia and the representations that emerge from this.

The material of study is composed by 62 letters (alerts, requests and denunciations) that the Italian Network has sent to the Colombian Government (President, Vice-president and organs of control) and 34 answers, also written communications or letters, some accompanied by official documents as minutes, reports and others documents; signed by government employees of the State and political representatives of the Government.

Through this study, specifically, I attempt to: (i) Describe the discursive interaction and the actors of the Colombian human rights speech, specifically those involved in the exchange of letters of our corpus, (ii) Identify the discursive operations involved in the configuration of the representations that come into view from such

interaction and, (iii) Explain, from a critical view of the speech study, the interrelationship among mental models, social representations, official speech and practices of Human Rights by Colombia's state.

It is, therefore, a qualitative and transdisciplinary research based, on one side, in the political anthropology, specifically in the reflections of the called "ethnologies of state"; in social psychology, specifically in the theory of social representations, in the sociology and in the communication; but, on the other side, it is specially supported by the conceptual framework of the critical study of the speech and taking from this focus the analysis categories.

The analysis of the corpus (denunciation and response letters) will focus on thematic selection, lexicon and argument structures, because, through these, it is possible to discover the system of beliefs or representations (mental and social) of individuals that participate in the interaction.

What is said about human rights in this interaction?, and how this is done? General questions are expected to be answered after the development of the investigative process.

#### **References:**

- Van Dijk, T.A., (comp.). 2000a. *El discurso como estructura y proceso*, Barcelona: Gedisa, 1997.
- Van Dijk, T.A., (comp.). 2000b. *El discurso como interacción social*, Barcelona: Gedisa, 1997.
- Sharma, Aradhana e Gupta, Akhil (comp.). 2006. *The Anthropology of the State: a reader*, Oxford: Blackwell.
- Ribas Bisbal, Monserrat. 2004. "Discurso dominante e identidades sociales", en Pütz, Martin; van Aertselaer, JoAnne Neff; Van Dijk, Teun. A. (comp.), *Communicating Ideologies: Multidisciplinary Perspectives on Language, Discourse, and Social Practice*, London: Offprint Peter Lang, pp. 391-414.
- Calsamiglia, Helena, Tusón Amparo. 2007. *Las cosas del decir, Manual del discurso*, Barcelona: Ariel Lingüística, 1999.

### **A prosódia no efeito *Garden-Path*: um estudo comparativo entre PB e PE**

Aline Fonseca

UFMG | FLUL-LabFon | Bolseira CAPES

alineafon@yahoo.com.br

Em um estudo comparativo entre Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE), analisamos a realização prosódica (no que diz respeito à divisão de constituintes, à marcação entoacional e aos efeitos de

interaction and, (iii) Explain, from a critical view of the speech study, the interrelationship among mental models, social representations, official speech and practices of Human Rights by Colombia's state.

It is, therefore, a qualitative and transdisciplinary research based, on one side, in the political anthropology, specifically in the reflections of the called "ethnologies of state"; in social psychology, specifically in the theory of social representations, in the sociology and in the communication; but, on the other side, it is specially supported by the conceptual framework of the critical study of the speech and taking from this focus the analysis categories.

The analysis of the corpus (denunciation and response letters) will focus on thematic selection, lexicon and argument structures, because, through these, it is possible to discover the system of beliefs or representations (mental and social) of individuals that participate in the interaction.

What is said about human rights in this interaction?, and how this is done? General questions are expected to be answered after the development of the investigative process.

#### **References:**

- Van Dijk, T.A., (comp.). 2000a. *El discurso como estructura y proceso*, Barcelona: Gedisa, 1997.
- Van Dijk, T.A., (comp.). 2000b. *El discurso como interacción social*, Barcelona: Gedisa, 1997.
- Sharma, Aradhana e Gupta, Akhil (comp.). 2006. *The Anthropology of the State: a reader*, Oxford: Blackwell.
- Ribas Bisbal, Monserrat. 2004. "Discurso dominante e identidades sociales", en Pütz, Martin; van Aertselaer, JoAnne Neff; Van Dijk, Teun. A. (comp.), *Communicating Ideologies: Multidisciplinary Perspectives on Language, Discourse, and Social Practice*, London: Offprint Peter Lang, pp. 391-414.
- Calsamiglia, Helena, Tusón Amparo. 2007. *Las cosas del decir, Manual del discurso*, Barcelona: Ariel Lingüística, 1999.

### **A prosódia no efeito *Garden-Path*: um estudo comparativo entre PB e PE**

Aline Fonseca

UFMG | FLUL-LabFon | Bolseira CAPES

alineafon@yahoo.com.br

Em um estudo comparativo entre Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE), analisamos a realização prosódica (no que diz respeito à divisão de constituintes, à marcação entoacional e aos efeitos de

duração; Frota 2000) de leitores em frases com ambiguidades estruturais temporárias, como em (1) *Por mais que Jorge continuasse a ler as histórias irritavam os bebês da creche*, (2) *A Maria cumprimentou o João e o Pedro arregalou os olhos de espanto*, (3) *A mulher varria o tapete continuava sujo e a limpeza tardava*, conhecidas na literatura psicolinguística como sentenças *Garden-Path* (GP) (Kimball 1973; Frazier 1979; e outros). Tais sentenças possuem um SN (sublinhado) que pode ser erroneamente interpretado como OD do verbo antecedente, mas que é, na verdade, sujeito do verbo seguinte. Essa aposição incorreta do SN leva os leitores a uma espécie de “caminho errado” no processamento e estes são obrigados a “retornar no caminho” para reanalisar as sentenças, estabelecer a correta aposição do SN e obter a interpretação satisfatória. Muitos estudos já foram feitos focalizando a estrutura sintática e o processamento sintático das estruturas GP, e demonstraram que nosso processador mental de frases, o *parser*, prefere associar o elemento que encontra à cadeia sintática que está em formação a fechar “antecipadamente” uma cadeia para associar o elemento à estrutura seguinte. Esse procedimento mental realizado pelo *parser* é chamado de princípio *Late Closure* (Frazier 1979) e é tido como um dos fortes indícios do caráter sintático e serial do *parser*. No entanto, alguns estudos recentes questionam esse caráter estritamente sintático do *parser* (Fodor 2002; Ferreira, 2007; e outros) e buscam evidências para comprovar que aspectos prosódicos, semânticos e até pragmáticos podem ser computados no *input* e podem direcionar a estruturação sintática e conseqüentemente a interpretação de frases. Nosso estudo enquadra-se nesse âmbito e tem por objetivo caracterizar a prosódia da leitura no momento do efeito *Garden-Path* e as estratégias prosódicas usadas pelos leitores no momento da reanálise e na marcação da interpretação correta da frase. Visamos ainda, a partir de experimentos psicolinguísticos de percepção, testar a sensibilidade dos ouvintes para as marcações prosódicas dos leitores nos dois momentos, no efeito *Garden-Path* e na reanálise. Em um primeiro experimento, utilizando o método “*click detection*”, 40 informantes brasileiros foram submetidos à audição de 24 sentenças de teste, entremeadas por 48 sentenças distratoras. Como resultados preliminares, encontramos um “*delay*” maior para a reação ao *click* em sentenças onde a prosódia não coincide com a correta estruturação sintática e, conseqüentemente, com a correta interpretação da frase. Tais resultados apontam para uma sobrecarga da memória de trabalho dos ouvintes na compreensão das frases em que a prosódia não coincide com a correta aposição sintática do SN. Esta evidência corrobora que a prosódia pode atuar como elemento do *input* utilizado à partida no processamento mental de frases, reforçando os correntes questionamentos de um *parser* estritamente sintático, serial e modular.

duração; Frota 2000) de leitores em frases com ambiguidades estruturais temporárias, como em (1) *Por mais que Jorge continuasse a ler as histórias irritavam os bebês da creche*, (2) *A Maria cumprimentou o João e o Pedro arregalou os olhos de espanto*, (3) *A mulher varria o tapete continuava sujo e a limpeza tardava*, conhecidas na literatura psicolinguística como sentenças *Garden-Path* (GP) (Kimball 1973; Frazier 1979; e outros). Tais sentenças possuem um SN (sublinhado) que pode ser erroneamente interpretado como OD do verbo antecedente, mas que é, na verdade, sujeito do verbo seguinte. Essa aposição incorreta do SN leva os leitores a uma espécie de “caminho errado” no processamento e estes são obrigados a “retornar no caminho” para reanalisar as sentenças, estabelecer a correta aposição do SN e obter a interpretação satisfatória. Muitos estudos já foram feitos focalizando a estrutura sintática e o processamento sintático das estruturas GP, e demonstraram que nosso processador mental de frases, o *parser*, prefere associar o elemento que encontra à cadeia sintática que está em formação a fechar “antecipadamente” uma cadeia para associar o elemento à estrutura seguinte. Esse procedimento mental realizado pelo *parser* é chamado de princípio *Late Closure* (Frazier 1979) e é tido como um dos fortes indícios do caráter sintático e serial do *parser*. No entanto, alguns estudos recentes questionam esse caráter estritamente sintático do *parser* (Fodor 2002; Ferreira, 2007; e outros) e buscam evidências para comprovar que aspectos prosódicos, semânticos e até pragmáticos podem ser computados no *input* e podem direcionar a estruturação sintática e conseqüentemente a interpretação de frases. Nosso estudo enquadra-se nesse âmbito e tem por objetivo caracterizar a prosódia da leitura no momento do efeito *Garden-Path* e as estratégias prosódicas usadas pelos leitores no momento da reanálise e na marcação da interpretação correta da frase. Visamos ainda, a partir de experimentos psicolinguísticos de percepção, testar a sensibilidade dos ouvintes para as marcações prosódicas dos leitores nos dois momentos, no efeito *Garden-Path* e na reanálise. Em um primeiro experimento, utilizando o método “*click detection*”, 40 informantes brasileiros foram submetidos à audição de 24 sentenças de teste, entremeadas por 48 sentenças distratoras. Como resultados preliminares, encontramos um “*delay*” maior para a reação ao *click* em sentenças onde a prosódia não coincide com a correta estruturação sintática e, conseqüentemente, com a correta interpretação da frase. Tais resultados apontam para uma sobrecarga da memória de trabalho dos ouvintes na compreensão das frases em que a prosódia não coincide com a correta aposição sintática do SN. Esta evidência corrobora que a prosódia pode atuar como elemento do *input* utilizado à partida no processamento mental de frases, reforçando os correntes questionamentos de um *parser* estritamente sintático, serial e modular.



### **Referências Bibliográficas:**

- Ferreira, F & Patson, N. D. 2007. The ‘Good Enough’ Approach to Language Comprehension. *Language and Linguistics Compass*. 1/1-2. p. 71-83.
- Fodor, J. D. 2002. Psycholinguistics cannot escape prosody. Trabalho apresentado em *Speech Prosody 2002*, Aix-en-Provence, France, April 11-13.
- Frazier, L. 1979. On comprehending sentences: Syntactic *parsing* strategies. PhD dissertation, University of Connecticut.
- Frota, S. 2000. Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing. 440 pp.
- Kimball, J. 1973. Seven principles of surface structure parsing in natural language. *Psychology*, 21. p. 60-99.

### **“Imagine, não precisava...” ou rituais de agradecimento no português do Brasil com aplicabilidade em português como segunda língua para estrangeiros**

Maristela Gripp

Universidade Federal do Paraná

maristelarsg@yahoo.com.br

Expressões como “O mundo ficou pequeno” e “mundo sem fronteiras” evoluíram rapidamente para expressões como “aldeia global”. A realidade da globalização impôs toda uma reflexão sobre universalidade, nacionalidade e regionalidade. Do exercício desta reflexão, depende, em larga escala, a conscientização da preservação das identidades sociais e, conseqüentemente, a preservação das identidades culturais.

No campo da pesquisa sobre as línguas e, muito particularmente, sobre línguas estrangeiras, a globalização impôs toda uma nova abordagem a uma velha discussão: qual a forma mais eficaz de se ensinar e aprender uma língua estrangeira?

Relaciono, assim, uma questão que se esperaria restrita ao mundo da Lingüística, da Lingüística Aplicada ou da Pedagogia a um contexto muito mais amplo, muito mais complexo do que os controlados limites da sala de aula ou do livro didático: o mundo das relações entre os povos, do cruzamento de culturas.

Neste mundo em que vivemos, a língua estrangeira tem que ser tratada como um instrumento de conscientização das diferenças culturais, proporcionando, portanto, um melhor entendimento entre os povos,

### **Referências Bibliográficas:**

- Ferreira, F & Patson, N. D. 2007. The ‘Good Enough’ Approach to Language Comprehension. *Language and Linguistics Compass*. 1/1-2. p. 71-83.
- Fodor, J. D. 2002. Psycholinguistics cannot escape prosody. Trabalho apresentado em *Speech Prosody 2002*, Aix-en-Provence, France, April 11-13.
- Frazier, L. 1979. On comprehending sentences: Syntactic *parsing* strategies. PhD dissertation, University of Connecticut.
- Frota, S. 2000. Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing. 440 pp.
- Kimball, J. 1973. Seven principles of surface structure parsing in natural language. *Psychology*, 21. p. 60-99.

### **“Imagine, não precisava...” ou rituais de agradecimento no português do Brasil com aplicabilidade em português como segunda língua para estrangeiros**

Maristela Gripp

Universidade Federal do Paraná

maristelarsg@yahoo.com.br

Expressões como “O mundo ficou pequeno” e “mundo sem fronteiras” evoluíram rapidamente para expressões como “aldeia global”. A realidade da globalização impôs toda uma reflexão sobre universalidade, nacionalidade e regionalidade. Do exercício desta reflexão, depende, em larga escala, a conscientização da preservação das identidades sociais e, conseqüentemente, a preservação das identidades culturais.

No campo da pesquisa sobre as línguas e, muito particularmente, sobre línguas estrangeiras, a globalização impôs toda uma nova abordagem a uma velha discussão: qual a forma mais eficaz de se ensinar e aprender uma língua estrangeira?

Relaciono, assim, uma questão que se esperaria restrita ao mundo da Lingüística, da Lingüística Aplicada ou da Pedagogia a um contexto muito mais amplo, muito mais complexo do que os controlados limites da sala de aula ou do livro didático: o mundo das relações entre os povos, do cruzamento de culturas.

Neste mundo em que vivemos, a língua estrangeira tem que ser tratada como um instrumento de conscientização das diferenças culturais, proporcionando, portanto, um melhor entendimento entre os povos,

como um agente disseminador de tolerância entre os diferentes. Precisamos, então, partir de conceitos não usualmente tratados nas pesquisas de línguas estrangeiras, conceitos como *cultura* e *identidade*.

Ao estudarmos os aspectos culturais que envolvem determinadas culturas, estamos nos referindo a um sistema de símbolos e significados que envolvem categorias e regras sobre relações e modos de comportamentos compartilhados pelos membros de um grupo social.

Dessa forma, entender como os brasileiros elaboram formas de agradecimento, poderia facilitar em muito o trabalho do docente e, conseqüentemente, a eficácia do processo de aprendizagem do português como segunda língua.

### **Os manuscritos saussureanos: leituras do “Première Conférence à l'Université”**

Eliane Silveira

Universidade Federal de Uberlândia

eliane.m.silveira@gmail.com

O manuscrito saussureano *Première Conférence à l'Université* (cours de ouverture) –que contém 28 folhas, localizadas e cedidas por Mme. Marie de Saussure e organizadas, catalogadas e arquivadas na Biblioteca Pública de Genebra, por Robert Godel – faz parte de um conjunto maior de manuscritos que serviram de notas preparatórias para as três primeiras conferências de Saussure em Genebra e marca o seu retorno à terra natal. Silveira ([2003] 2007), Matsuzawa (2006) e Bouquet e Engler ([2002]2004) abordam essa primeira conferência em períodos muito próximos e de maneiras muito distintas. Tal proximidade, por um lado, e tal distância, por outro, nos dará a oportunidade de discutir as abordagens de um manuscrito em especial, o manuscrito saussureano.

Pode-se dizer que a primeira abordagem dos manuscritos saussureanos foi realizada pelos editores do Curso de Linguística Geral e, depois dessa abordagem, seguiram-se algumas outras, por vezes dos mesmos manuscritos em jogo na edição do Curso de Linguística Geral. Sabemos que as edições críticas de um mesmo manuscrito diferenciam-se entre si e também que a filologia e a crítica genética têm um debate intenso sobre a forma de tratar um manuscrito. O que justifica mais de uma abordagem de um manuscrito é justamente a diferença de abordagem. Contudo, em relação aos manuscritos saussureanos, essas diferenças de abordagem não foram tratadas de maneira mais detida na literatura lingüística; embora não tenham sido ignoradas pelos estudiosos dos manuscritos saussureanos.

como um agente disseminador de tolerância entre os diferentes. Precisamos, então, partir de conceitos não usualmente tratados nas pesquisas de línguas estrangeiras, conceitos como *cultura* e *identidade*.

Ao estudarmos os aspectos culturais que envolvem determinadas culturas, estamos nos referindo a um sistema de símbolos e significados que envolvem categorias e regras sobre relações e modos de comportamentos compartilhados pelos membros de um grupo social.

Dessa forma, entender como os brasileiros elaboram formas de agradecimento, poderia facilitar em muito o trabalho do docente e, conseqüentemente, a eficácia do processo de aprendizagem do português como segunda língua.

### **Os manuscritos saussureanos: leituras do “Première Conférence à l’Université”**

Eliane Silveira

Universidade Federal de Uberlândia

eliane.m.silveira@gmail.com

O manuscrito saussureano *Première Conférence à l’Université* (cours de ouverture) –que contém 28 folhas, localizadas e cedidas por Mme. Marie de Saussure e organizadas, catalogadas e arquivadas na Biblioteca Pública de Genebra, por Robert Godel – faz parte de um conjunto maior de manuscritos que serviram de notas preparatórias para as três primeiras conferências de Saussure em Genebra e marca o seu retorno à terra natal. Silveira ([2003] 2007), Matsuzawa (2006) e Bouquet e Engler ([2002]2004) abordam essa primeira conferência em períodos muito próximos e de maneiras muito distintas. Tal proximidade, por um lado, e tal distância, por outro, nos dará a oportunidade de discutir as abordagens de um manuscrito em especial, o manuscrito saussureano.

Pode-se dizer que a primeira abordagem dos manuscritos saussureanos foi realizada pelos editores do Curso de Linguística Geral e, depois dessa abordagem, seguiram-se algumas outras, por vezes dos mesmos manuscritos em jogo na edição do Curso de Linguística Geral. Sabemos que as edições críticas de um mesmo manuscrito diferenciam-se entre si e também que a filologia e a crítica genética têm um debate intenso sobre a forma de tratar um manuscrito. O que justifica mais de uma abordagem de um manuscrito é justamente a diferença de abordagem. Contudo, em relação aos manuscritos saussureanos, essas diferenças de abordagem não foram tratadas de maneira mais detida na literatura lingüística; embora não tenham sido ignoradas pelos estudiosos dos manuscritos saussureanos.

De maneira lateral ao fazer uma opção de abordagem dos manuscritos, cada autor se contrapôs de alguma forma aos trabalhos dos seus antecessores e assim indicou uma maneira específica de abordagem desses manuscritos. É evidente que a maneira como os manuscritos saussureanos estão sendo abordados suscita inquietações e abre um campo de trabalho que uma vez enfrentado pode vir a contribuir para esse projeto de retomada desses manuscritos.

Assim, nos propomos a apresentar essas três leituras diferentes de um mesmo manuscrito saussureano realizadas por Silveira ([2003]2007), Bouquet e Engler ([2002]2004) e Matsuzawa (2006), os dois primeiros publicados no Brasil, respectivamente pela editora Mercado de Letras e Cultrix e o último disponível na revista eletrônica Texto!. Apresentaremos uma análise da especificidade de cada abordagem desse manuscrito, bem os fundamentos de cada abordagem; adiantamos que as diferenças entre as apresentações do manuscrito são significativas e estão a serviço do objetivo de cada uma delas.

### **Referências Bibliográficas:**

- Bouquet, S. 1997. Introdução à Leitura de Saussure. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana L. Franco. São Paulo: Ed. Cultrix, 2000.
- Matsuzawa, K. Edition génétique de La Première conférence à l'université de Genève (novembre de 1891). Texto!, juin 2006, vol. XI, no. 2 disponível em [http://www.revue-texto.net/1996-2007/Saussure/De\\_Saussure/Conferences/Matsuzawa\\_CG1.pdf](http://www.revue-texto.net/1996-2007/Saussure/De_Saussure/Conferences/Matsuzawa_CG1.pdf) consultado em 03/03/2010.
- Silveira, E. As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística. Ed. Mercado de Letras; FAPESP; Campinas-SP. 2007.

### **Ensino da Língua Portuguesa na Rússia**

Larysa Shotropa

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa | Bolseira FCT

[larysa@netcabo.pt](mailto:larysa@netcabo.pt)

O ensino da Língua Portuguesa na Rússia apresenta dificuldades particulares no âmbito do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Este facto deve-se, em primeiro lugar, à distância que a Língua Portuguesa apresenta em relação à língua materna do aluno, o Russo. Em segundo lugar, o conjunto de diferenças

De maneira lateral ao fazer uma opção de abordagem dos manuscritos, cada autor se contrapôs de alguma forma aos trabalhos dos seus antecessores e assim indicou uma maneira específica de abordagem desses manuscritos. É evidente que a maneira como os manuscritos saussureanos estão sendo abordados suscita inquietações e abre um campo de trabalho que uma vez enfrentado pode vir a contribuir para esse projeto de retomada desses manuscritos.

Assim, nos propomos a apresentar essas três leituras diferentes de um mesmo manuscrito saussureano realizadas por Silveira ([2003]2007), Bouquet e Engler ([2002]2004) e Matsuzawa (2006), os dois primeiros publicados no Brasil, respectivamente pela editora Mercado de Letras e Cultrix e o último disponível na revista eletrônica Texto!. Apresentaremos uma análise da especificidade de cada abordagem desse manuscrito, bem os fundamentos de cada abordagem; adiantamos que as diferenças entre as apresentações do manuscrito são significativas e estão a serviço do objetivo de cada uma delas.

### **Referências Bibliográficas:**

- Bouquet, S. 1997. Introdução à Leitura de Saussure. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana L. Franco. São Paulo: Ed. Cultrix, 2000.
- Matsuzawa, K. Edition génétique de La Première conférence à l'université de Genève (novembre de 1891). Texto!, juin 2006, vol. XI, no. 2 disponível em [http://www.revue-texto.net/1996-2007/Saussure/De\\_Saussure/Conferences/Matsuzawa\\_CG1.pdf](http://www.revue-texto.net/1996-2007/Saussure/De_Saussure/Conferences/Matsuzawa_CG1.pdf) consultado em 03/03/2010.
- Silveira, E. As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística. Ed. Mercado de Letras; FAPESP; Campinas-SP. 2007.

### **Ensino da Língua Portuguesa na Rússia**

Larysa Shotropa

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa | Bolseira FCT

[larysa@netcabo.pt](mailto:larysa@netcabo.pt)

O ensino da Língua Portuguesa na Rússia apresenta dificuldades particulares no âmbito do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Este facto deve-se, em primeiro lugar, à distância que a Língua Portuguesa apresenta em relação à língua materna do aluno, o Russo. Em segundo lugar, o conjunto de diferenças

linguísticas entre o Português e o Russo provoca um enorme impacto no aluno iniciante, começando pelas divergências alfabéticas, diferenças nos processos de formação de palavras, nos sistemas fonético, morfológico e lexical, interferências da língua materna, havendo ainda que ter em conta os traços sociais e culturais específicos da lusofonia.

O presente trabalho tem como principais objectivos os seguintes:

1. Descrever a situação actual do ensino do Português Língua Estrangeira na Federação Russa.
2. Com base num estudo contrastivo, identificar e discutir as dificuldades no processo de aprendizagem do Português por parte de alunos que têm o Russo como língua materna.

Uma das primeiras aproximações recentes ao mundo lusófono deu-se na Rússia por razões ideológicas, logo depois do 25 de Abril de 1974. A segunda aconteceu após a extinção da União Soviética, período caracterizado por uma forte onda de imigração de falantes russófonos para Portugal. Se depois da primeira aproximação os motivos estavam ligados à “solidariedade internacional”, hoje em dia os interesses são de outra natureza. São exemplos disso o turismo, pela descoberta do património arquitectónico, histórico e culinário português, a cultura e o desporto, pois a elite cultural e desportiva portuguesa e brasileira acaba por ser conhecida pelo público russo, e, por último, as saídas profissionais na área da língua portuguesa, assente nas ligações políticas, económicas e culturais que abrem novas perspectivas para os estudantes de português. Este terceiro ponto verifica-se não só em relação a Portugal mas também a Angola, ao Brasil e a outros países do Mundo Luso, que se têm aproximado da Rússia, com um volume de negócios em constante crescimento.

A presente investigação insere-se na Área da Linguística Aplicada e a principal motivação para este trabalho relaciona-se com o facto de não existir uma investigação de larga escala sobre o tema proposto, sendo o número de estudos disponíveis mais do que modesto.

A partir da análise de algumas divergências existentes entre a língua materna dos aprendentes russos e o Português, serão apontados e explicados casos particulares no processo de aprendizagem do Português Língua Estrangeira na Rússia, nomeadamente: o uso dos artigos e das preposições, a formação dos tempos verbais, a concordância das formas verbais, o uso de algumas categorias gramaticais – Conjuntivo e Condicional, – a estrutura da frase e a pronúncia.

Com o presente estudo, espera-se, pois, contribuir para um melhor conhecimento do Português, enquanto língua estrangeira para aprendentes russófonos.

linguísticas entre o Português e o Russo provoca um enorme impacto no aluno iniciante, começando pelas divergências alfabéticas, diferenças nos processos de formação de palavras, nos sistemas fonético, morfológico e lexical, interferências da língua materna, havendo ainda que ter em conta os traços sociais e culturais específicos da lusofonia.

O presente trabalho tem como principais objectivos os seguintes:

1. Descrever a situação actual do ensino do Português Língua Estrangeira na Federação Russa.
2. Com base num estudo contrastivo, identificar e discutir as dificuldades no processo de aprendizagem do Português por parte de alunos que têm o Russo como língua materna.

Uma das primeiras aproximações recentes ao mundo lusófono deu-se na Rússia por razões ideológicas, logo depois do 25 de Abril de 1974. A segunda aconteceu após a extinção da União Soviética, período caracterizado por uma forte onda de imigração de falantes russófonos para Portugal. Se depois da primeira aproximação os motivos estavam ligados à “solidariedade internacional”, hoje em dia os interesses são de outra natureza. São exemplos disso o turismo, pela descoberta do património arquitectónico, histórico e culinário português, a cultura e o desporto, pois a elite cultural e desportiva portuguesa e brasileira acaba por ser conhecida pelo público russo, e, por último, as saídas profissionais na área da língua portuguesa, assente nas ligações políticas, económicas e culturais que abrem novas perspectivas para os estudantes de português. Este terceiro ponto verifica-se não só em relação a Portugal mas também a Angola, ao Brasil e a outros países do Mundo Luso, que se têm aproximado da Rússia, com um volume de negócios em constante crescimento.

A presente investigação insere-se na Área da Linguística Aplicada e a principal motivação para este trabalho relaciona-se com o facto de não existir uma investigação de larga escala sobre o tema proposto, sendo o número de estudos disponíveis mais do que modesto.

A partir da análise de algumas divergências existentes entre a língua materna dos aprendentes russos e o Português, serão apontados e explicados casos particulares no processo de aprendizagem do Português Língua Estrangeira na Rússia, nomeadamente: o uso dos artigos e das preposições, a formação dos tempos verbais, a concordância das formas verbais, o uso de algumas categorias gramaticais – Conjuntivo e Condicional, – a estrutura da frase e a pronúncia.

Com o presente estudo, espera-se, pois, contribuir para um melhor conhecimento do Português, enquanto língua estrangeira para aprendentes russófonos.



## Nominalization of adjectives in French: the rules and the semantic criteria

Aurore Koehl  
Nancy Université  
Aurore.Koehl@atilf.fr

**Issue.** The emergence of lexematic morphology framework (cf.[1-2]) addresses the issue of Lexeme Formation Rules (WFR) definition (cf.[3]). As an illustration, there is a range of suffixes mainly used to convert an adjective into a noun in French (cf.[4]).

|     |                        |        |                               |      |                              |         |                                |
|-----|------------------------|--------|-------------------------------|------|------------------------------|---------|--------------------------------|
| (1) | BANAL <sub>ADJ</sub>   | >-ité  | BANALITÉ <sub>N</sub>         | (2)  | PUR <sub>ADJ</sub>           | >-eté   | PURETÉ <sub>N</sub>            |
|     | “banal”                |        | “banality”                    |      | “pure”                       |         | “pureness”                     |
| (3) | FIN <sub>ADJ</sub>     | >-esse | FINESSE <sub>N</sub>          | (4)  | BLOND <sub>ADJ</sub>         | >-eur   | BLONDEUR <sub>N</sub>          |
|     | “perceptive, thin”     |        | “perceptiveness,<br>thinness” |      | “blond”                      |         | “blondness”                    |
| (5) | FOURBE <sub>ADJ</sub>  | >-erie | FOURBERIE <sub>N</sub>        | (6)  | JALOUX <sub>ADJ</sub>        | >-ie    | JALOUSIE <sub>N</sub>          |
|     | “deceitful”            |        | “ ”                           |      | “jealous”                    |         | “jealousy”                     |
| (7) | BÊTE <sub>ADJ</sub>    | >-ise  | BÊTISE <sub>N</sub>           | (8)  | AMPLE <sub>ADJ</sub>         | >-itude | AMPLITUDE <sub>N</sub>         |
|     | “stupid”               |        | “stupidity”                   |      | “large”                      |         | “largeness”                    |
| (9) | DISCRET <sub>ADJ</sub> | >-ion  | DISCRÉTION <sub>N</sub>       | (10) | PROFESSIONNEL <sub>ADJ</sub> | >-isme  | PROFESSIONNALISME <sub>N</sub> |
|     | “discreet”             |        | “discretion”                  |      | “professional”               |         | “professionalism”              |

All these nouns can be defined as “the property of being Adjective”. In order to discriminate the WFRs, a first hypothesis consists of merging similar forms together (e.g. *-ité* and *-eté* which are formally distributed). A second hypothesis lies in the semantic characterization/comparison of the derived nouns.

**Object.** In the change from Latin to French, Latin nouns ending in *-itia* evolved into French *-esse* (3) and *-ise* (7) nouns (cf.[5]). I propose to examine if the form *-ise* sharing the etymology of *-esse* is already its allomorph. Showing that hyp1 seems quickly irrelevant in the present case, I consider the semantic selection of adjectival bases. My aim is to show that a semantic selection implies here two distinct WFRs.

## Nominalization of adjectives in French: the rules and the semantic criteria

Aurore Koehl  
Nancy Université  
Aurore.Koehl@atilf.fr

**Issue.** The emergence of lexematic morphology framework (cf.[1-2]) addresses the issue of Lexeme Formation Rules (WFR) definition (cf.[3]). As an illustration, there is a range of suffixes mainly used to convert an adjective into a noun in French (cf.[4]).

|     |                        |        |                              |      |                              |         |                                |
|-----|------------------------|--------|------------------------------|------|------------------------------|---------|--------------------------------|
| (1) | BANAL <sub>ADJ</sub>   | >-ité  | BANALITÉ <sub>N</sub>        | (2)  | PUR <sub>ADJ</sub>           | >-eté   | PURETÉ <sub>N</sub>            |
|     | “banal”                |        | “banality”                   |      | “pure”                       |         | “purenness”                    |
| (3) | FIN <sub>ADJ</sub>     | >-esse | FINESSE <sub>N</sub>         | (4)  | BLOND <sub>ADJ</sub>         | >-eur   | BLONDEUR <sub>N</sub>          |
|     | “perceptive, thin”     |        | “perceptivness,<br>thinness” |      | “blond”                      |         | “blondness”                    |
| (5) | FOURBE <sub>ADJ</sub>  | >-erie | FOURBERIE <sub>N</sub>       | (6)  | JALOUX <sub>ADJ</sub>        | >-ie    | JALOUSIE <sub>N</sub>          |
|     | “deceitful”            |        | “ ”                          |      | “jealous”                    |         | “jealousy”                     |
| (7) | BÊTE <sub>ADJ</sub>    | >-ise  | BÊTISE <sub>N</sub>          | (8)  | AMPLE <sub>ADJ</sub>         | >-itude | AMPLITUDE <sub>N</sub>         |
|     | “stupid”               |        | “stupidity”                  |      | “large”                      |         | “largeness”                    |
| (9) | DISCRET <sub>ADJ</sub> | >-ion  | DISCRÉTION <sub>N</sub>      | (10) | PROFESSIONNEL <sub>ADJ</sub> | >-isme  | PROFESSIONNALISME <sub>N</sub> |
|     | “discreet”             |        | “discretion”                 |      | “professional”               |         | “professionalism”              |

All these nouns can be defined as “the property of being Adjective”. In order to discriminate the WFRs, a first hypothesis consists of merging similar forms together (e.g. *-ité* and *-eté* which are formally distributed). A second hypothesis lies in the semantic characterization/comparison of the derived nouns.

**Object.** In the change from Latin to French, Latin nouns ending in *-itia* evolved into French *-esse* (3) and *-ise* (7) nouns (cf.[5]). I propose to examine if the form *-ise* sharing the etymology of *-esse* is already its allomorph. Showing that hyp1 seems quickly irrelevant in the present case, I consider the semantic selection of adjectival bases. My aim is to show that a semantic selection implies here two distinct WFRs.

**Data description.** This study is based on a list of 329 French nouns derived from adjectives and was carried out on two databases. Among these nouns, a list of 89 items was extracted from the TLF<sup>1</sup>. Then a program has been used to automatically build a list of candidates resulting from the concatenation of the *-esse* or *-ise* sequences on adjectives. Finally 240 new coined nouns have been collected on the Internet.

| Source   | <i>-esse</i> suffixed nouns | <i>-ise</i> suffixed nouns |
|----------|-----------------------------|----------------------------|
| TLF      | 40                          | 49                         |
| Internet | 98                          | 142                        |

**Figure 1.** Number of French *-esse* and *-ise* nouns functions of their origin.

**Analysis.** This section sheds light on the adjectival semantic properties selected either by *-esse* or *-ise* suffixation rules, testing their contextual behavior.

- (11) La finesse du papier / esprit / ?comportement / paroles  
*"thinness/perceptiveness of paper/mind/behavior/words"*
- (12) La bêtise \*du papier / ?esprit / comportement / paroles  
*"stupidity of paper/mind/behavior/words"*

The *-ise* ending nouns actually denote a behavior's evaluation from the speaker whereas the *-esse* ending nouns denote physical or psychological properties.

#### References:

- [1] Aronoff, M. (1994). *Morphology by itself*. Cambridge: MIT Press.
- [2] Fradin, Bernard. (2003). *Nouvelles approches en morphologie*. Paris: PUF.
- [3] Bescherelle, D. (1976). *La dérivation des noms abstraits en français: concurrence des suffixes*. Université Nancy 2, Nancy.
- [4] Zwicky, A. (1992). Some choices in the theory of morphology. In R. D. Levine (Ed.), *Formal Grammar: Theory and implementation* (pp. 327-371). Oxford: Oxford University Press.
- [5] Nyrop, K. (1908). *Grammaire historique de la langue française* (Vol. 3). Copenhagen: Nordisk Forlag.

---

<sup>1</sup> Trésor de la Langue Française

**Data description.** This study is based on a list of 329 French nouns derived from adjectives and was carried out on two databases. Among these nouns, a list of 89 items was extracted from the TLF<sup>1</sup>. Then a program has been used to automatically build a list of candidates resulting from the concatenation of the *-esse* or *-ise* sequences on adjectives. Finally 240 new coined nouns have been collected on the Internet.

| Source   | <i>-esse</i> suffixed nouns | <i>-ise</i> suffixed nouns |
|----------|-----------------------------|----------------------------|
| TLF      | 40                          | 49                         |
| Internet | 98                          | 142                        |

**Figure 1.** Number of French *-esse* and *-ise* nouns functions of their origin.

**Analysis.** This section sheds light on the adjectival semantic properties selected either by *-esse* or *-ise* suffixation rules, testing their contextual behavior.

- (11) La finesse du papier / esprit / ?comportement / paroles  
*“thinness/perceptiveness of paper/mind/behavior/words”*
- (12) La bêtise \*du papier / ?esprit / comportement / paroles  
*“stupidity of paper/mind/behavior/words”*

The *-ise* ending nouns actually denote a behavior’s evaluation from the speaker whereas the *-esse* ending nouns denote physical or psychological properties.

#### References:

- [1] Aronoff, M. (1994). *Morphology by itself*. Cambridge: MIT Press.
- [2] Fradin, Bernard. (2003). *Nouvelles approches en morphologie*. Paris: PUF.
- [3] Bescherelle, D. (1976). *La dérivation des noms abstraits en français: concurrence des suffixes*. Université Nancy 2, Nancy.
- [4] Zwicky, A. (1992). Some choices in the theory of morphology. In R. D. Levine (Ed.), *Formal Grammar: Theory and implementation* (pp. 327-371). Oxford: Oxford University Press.
- [5] Nyrop, K. (1908). *Grammaire historique de la langue française* (Vol. 3). Copenhagen: Nordisk Forlag.

---

<sup>1</sup> Trésor de la Langue Française

## **Mayan Voices from la Huasteca. Documentation of an endangered language from Mexico.**

Ana Kondic

ATILF Nancy-Université | CNRS

anasydney@hotmail.com

|                         |  |
|-------------------------|--|
| Research area:          | Descriptive Linguistics, Documentary Linguistics, Grammar Writing (Phonology, Morphology, Syntax).   |
| Five keywords:          | Endangered languages, Documentary linguistics, Grammar Writing, Language Maintenance, Lesser known languages   |
| Overview of the topic:  | This project of documentation and description of South Eastern Huastec (Mayan), a previously undescribed language, will contribute to the knowledge of the Mayan languages and to the linguistic typology.   |
| The goals of the paper: | To present my project  |
| Theoretical framework:  | B. Dixon's Basic Linguistic Theory   |
| Methodology:            | About 12 months of field work in the Mayan village in the state of Veracruz, Mexico. Primary data collection. Video and audio equipment for data recording   |
| Results:                | About 20 hours of video and 20 hours of audio recordings. Collected more than 60 items in the South Eastern Huastec to document the language usage in its natural environment. The first data on this language. Materials for language maintenance. A South Eastern Huastec descriptive grammar. |

I would like to talk about my research project on an endangered Mayan language in Mexico. I have just spent about 12 months living in the village of San Francisco in the state of Veracruz, Mexico, and have collected a

## **Mayan Voices from la Huasteca. Documentation of an endangered language from Mexico.**

Ana Kondic

ATILF Nancy-Université | CNRS

anasydney@hotmail.com

|                         |  |
|-------------------------|--|
| Research area:          | Descriptive Linguistics, Documentary Linguistics, Grammar Writing (Phonology, Morphology, Syntax).   |
| Five keywords:          | Endangered languages, Documentary linguistics, Grammar Writing, Language Maintenance, Lesser known languages   |
| Overview of the topic:  | This project of documentation and description of South Eastern Huastec (Mayan), a previously undescribed language, will contribute to the knowledge of the Mayan languages and to the linguistic typology.   |
| The goals of the paper: | To present my project  |
| Theoretical framework:  | B. Dixon's Basic Linguistic Theory   |
| Methodology:            | About 12 months of field work in the Mayan village in the state of Veracruz, Mexico. Primary data collection. Video and audio equipment for data recording   |
| Results:                | About 20 hours of video and 20 hours of audio recordings. Collected more than 60 items in the South Eastern Huastec to document the language usage in its natural environment. The first data on this language. Materials for language maintenance. A South Eastern Huastec descriptive grammar. |

I would like to talk about my research project on an endangered Mayan language in Mexico. I have just spent about 12 months living in the village of San Francisco in the state of Veracruz, Mexico, and have collected a

large amount of data in this previously undescribed language. The most interesting fact from a typological point of view about South Eastern Huastec is that, due to almost 3000 years of isolation from the rest of the family, it has developed some very interesting, original traits, while in the same time it has lost (or hasn't developed) some common Mayan traits. The outcomes of this project are to document the usage of South Eastern Huastec in its natural environment, to produce materials for the language maintenance and to write a detailed descriptive grammar.

### **Alternância causativa em verbos psicológicos**

Aline Rodrigues & Teresa Wachowicz

UFPR & Psicologia & UFPR

aline\_singer@hotmail.com

O objetivo deste trabalho é analisar a produção de alternância causativa com o verbo psicológico “assustar” por crianças em fase de aquisição de linguagem, a partir de resultados de experimentos de testagem. Como fundamento à nossa análise, tomaremos como base os pressupostos teóricos de Pinker 1989, cujo objetivo central é explicitar primitivos conceituais que expliquem alternâncias e produções desviantes junto a sentenças de crianças, especificamente nos dados de inglês. Pinker defende a hipótese de que “causa” é um primitivo conceitual que participa da “conflação semântica” de corpos temáticos para definir as regras lexicais que se subdividem em “regras lexicais abrangentes” e “regras lexicais estreitas”; as primeiras são restritivas, no sentido de que não permitem sentenças agramaticais e as segundas permitem as alternâncias e produções desviantes. O verbo “assustar”, analisado durante as pesquisas, é um causativo psicológico. Segundo Grimshaw 1990, verbos psicológicos são aqueles que denotam um estado emocional ou mental e tem um argumento que recebe o papel temático de experimentador. Uma subclasse dos verbos causativos psicológicos apresenta uma alternância em que o experienciador se apresenta na posição de objeto e o causador na posição de sujeito (Cançado, 1995), podendo alternar para o experienciador na posição de sujeito: João assustou Maria / Maria assustou com o João.

Para checar o comportamento de “assusta” em crianças, realizamos pré-testagem em 17 crianças de 3 a 6 anos de duas diferentes escolas de Curitiba, PR. A partir dessa base teórica, defendemos a hipótese de que o comportamento da alternância causativa do verbo “assustar” aparece mais concentradamente a partir de 4 anos, sendo fundamentalmente motivado pela focalização discursiva da fala da entrevistadora ao perguntar “o que

large amount of data in this previously undescribed language. The most interesting fact from a typological point of view about South Eastern Huastec is that, due to almost 3000 years of isolation from the rest of the family, it has developed some very interesting, original traits, while in the same time it has lost (or hasn't developed) some common Mayan traits. The outcomes of this project are to document the usage of South Eastern Huastec in its natural environment, to produce materials for the language maintenance and to write a detailed descriptive grammar.

### **Alternância causativa em verbos psicológicos**

Aline Rodrigues & Teresa Wachowicz

UFPR & Psicologia & UFPR

aline\_singer@hotmail.com

O objetivo deste trabalho é analisar a produção de alternância causativa com o verbo psicológico “assustar” por crianças em fase de aquisição de linguagem, a partir de resultados de experimentos de testagem. Como fundamento à nossa análise, tomaremos como base os pressupostos teóricos de Pinker 1989, cujo objetivo central é explicitar primitivos conceituais que expliquem alternâncias e produções desviantes junto a sentenças de crianças, especificamente nos dados de inglês. Pinker defende a hipótese de que “causa” é um primitivo conceitual que participa da “conflação semântica” de corpos temáticos para definir as regras lexicais que se subdividem em “regras lexicais abrangentes” e “regras lexicais estreitas”; as primeiras são restritivas, no sentido de que não permitem sentenças agramaticais e as segundas permitem as alternâncias e produções desviantes. O verbo “assustar”, analisado durante as pesquisas, é um causativo psicológico. Segundo Grimshaw 1990, verbos psicológicos são aqueles que denotam um estado emocional ou mental e tem um argumento que recebe o papel temático de experimentador. Uma subclasse dos verbos causativos psicológicos apresenta uma alternância em que o experienciador se apresenta na posição de objeto e o causador na posição de sujeito (Cañado, 1995), podendo alternar para o experienciador na posição de sujeito: João assustou Maria / Maria assustou com o João.

Para checar o comportamento de “assusta” em crianças, realizamos pré-testagem em 17 crianças de 3 a 6 anos de duas diferentes escolas de Curitiba, PR. A partir dessa base teórica, defendemos a hipótese de que o comportamento da alternância causativa do verbo “assustar” aparece mais concentradamente a partir de 4 anos, sendo fundamentalmente motivado pela focalização discursiva da fala da entrevistadora ao perguntar “o que



aconteceu com ela?”. Em uma primeira análise, portanto, verificamos uma tendência mais forte à alternância de “assustar” a partir dos 4 anos, onde o foco discursivo da pergunta formulada pela entrevistadora é um fator condicionante.

### **Referências Bibliográficas:**

- CRAIN, Stephen; THORNTON, Rosalind. (1998) *Investigations in Universal Grammar: A guide to Experiments on the Acquisition of Syntax*. Massachusetts: MIT Press.
- CANÇADO, M. (1995a) *Verbos Psicológicos: A relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- GRIMSHAW, J. (1990) *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.

### **Where is the agent hiding?**

Andrea Márkus

Universitetet i Tromsø

andrea.markus@hum.uit.no

It is widely recognized in the literature on passives that the basic cut should be made between eventives and statives. Moreover, the syntactic presence of an agent has often been taken to correlate with eventivity (e.g. Embick 2003, 2004), however, an assortment of counterexamples disprove that eventivity and agentivity go hand in hand. A perspicuous case in point is the existence of eventive unaccusatives (e.g. Lundquist 2008), while Greek resultant states furnish evidence for non-eventive yet agentive passives (Anagnostopolou 2003). And finally, it can be argued that even eventive passives formed from transitive verbs can be agentless: one example is the Icelandic -st passive. The present study centers on a similar construction from a language that is not famed for its passive constructions: Hungarian.

Hungarian has a relatively high number of lexicalized verbs containing the -ód suffix. Traditionally, these verbs have been described as middle or mediopassive, as they generally describe an event that took place by itself. The meaning of the -ód forms is often opaque; not only transitive verbs serve as their input, but also unaccusatives or even unspecified roots.

aconteceu com ela?”. Em uma primeira análise, portanto, verificamos uma tendência mais forte à alternância de “assustar” a partir dos 4 anos, onde o foco discursivo da pergunta formulada pela entrevistadora é um fator condicionante.

### **Referências Bibliográficas:**

- CRAIN, Stephen; THORNTON, Rosalind. (1998) *Investigations in Universal Grammar: A guide to Experiments on the Acquisition of Syntax*. Massachusetts: MIT Press.
- CANÇADO, M. (1995a) *Verbos Psicológicos: A relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- GRIMSHAW, J. (1990) *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.

### **Where is the agent hiding?**

Andrea Márkus

Universitetet i Tromsø

andrea.markus@hum.uit.no

It is widely recognized in the literature on passives that the basic cut should be made between eventives and statives. Moreover, the syntactic presence of an agent has often been taken to correlate with eventivity (e.g. Embick 2003, 2004), however, an assortment of counterexamples disprove that eventivity and agentivity go hand in hand. A perspicuous case in point is the existence of eventive unaccusatives (e.g. Lundquist 2008), while Greek resultant states furnish evidence for non-eventive yet agentive passives (Anagnostopolou 2003). And finally, it can be argued that even eventive passives formed from transitive verbs can be agentless: one example is the Icelandic -st passive. The present study centers on a similar construction from a language that is not famed for its passive constructions: Hungarian.

Hungarian has a relatively high number of lexicalized verbs containing the -ód suffix. Traditionally, these verbs have been described as middle or mediopassive, as they generally describe an event that took place by itself. The meaning of the -ód forms is often opaque; not only transitive verbs serve as their input, but also unaccusatives or even unspecified roots.

In addition to the standard and lexicalized occurrences of -ód verbs, in colloquial language use a fully productive process of detransitivization has emerged, which uses the same suffix to deprive transitive verbs of their external arguments. In this colloquial use of the suffix, the meaning change is consistently transparent and the suffix only attaches to transitive verbs. Regarding the conditions of its use, there is a division among speakers. Speakers of the moderate colloquial only allow the use of the productive -ód suffix when the event in question takes place completely by itself and involves no agent or intentionality. On the other hand, speakers of the

radical colloquial put -ód into service in a significantly wider range of contexts, i.e., not only when the event happened by itself, but also when the speaker aspires to conceal the agent.

Having isolated the standard, lexicalized and, hence, probably listed occurrences of -ód from the two varieties of the productive colloquial, the study further investigates the colloquial use of -ód. First, it is argued that the colloquial -ód does not belong to the category of middles, but has a clear passivizing function. This established, the study seeks to determine the properties of the -ód passive, particularly with respect to its 'competitors': unaccusative verbs and the analytic eventive passive consisting of copula + participle. A systematic comparison of these reveals that, unlike unaccusatives, -ód passives involve some notion of agentivity. However, formal diagnostics do not detect the presence of a syntactically represented agent.

What the Hungarian data minimally suggest is that different levels of agentivity should be distinguished. From unaccusatives and, arguably, from at least certain types of stative passives, the agent is completely missing, while, at the other end of the scale, eventive passives involve a syntactically represented agent. The morphological passive discussed in this paper clearly falls in between: the transitive base verb implies an external argument; however, syntactic diagnostics repudiate its presence in the structure. This state of affairs could possibly be captured if agentivity were encoded in the structure of the verb but the position of the external argument would not be filled. This would, however, look like a violation of the Projection Principle, although the “severing of the external argument from its verb” (Kratzer 1996) may actually provide for it.

In addition to the standard and lexicalized occurrences of -ód verbs, in colloquial language use a fully productive process of detransitivization has emerged, which uses the same suffix to deprive transitive verbs of their external arguments. In this colloquial use of the suffix, the meaning change is consistently transparent and the suffix only attaches to transitive verbs. Regarding the conditions of its use, there is a division among speakers. Speakers of the moderate colloquial only allow the use of the productive -ód suffix when the event in question takes place completely by itself and involves no agent or intentionality. On the other hand, speakers of the

radical colloquial put -ód into service in a significantly wider range of contexts, i.e., not only when the event happened by itself, but also when the speaker aspires to conceal the agent.

Having isolated the standard, lexicalized and, hence, probably listed occurrences of -ód from the two varieties of the productive colloquial, the study further investigates the colloquial use of -ód. First, it is argued that the colloquial -ód does not belong to the category of middles, but has a clear passivizing function. This established, the study seeks to determine the properties of the -ód passive, particularly with respect to its 'competitors': unaccusative verbs and the analytic eventive passive consisting of copula + participle. A systematic comparison of these reveals that, unlike unaccusatives, -ód passives involve some notion of agentivity. However, formal diagnostics do not detect the presence of a syntactically represented agent.

What the Hungarian data minimally suggest is that different levels of agentivity should be distinguished. From unaccusatives and, arguably, from at least certain types of stative passives, the agent is completely missing, while, at the other end of the scale, eventive passives involve a syntactically represented agent. The morphological passive discussed in this paper clearly falls in between: the transitive base verb implies an external argument; however, syntactic diagnostics repudiate its presence in the structure. This state of affairs could possibly be captured if agentivity were encoded in the structure of the verb but the position of the external argument would not be filled. This would, however, look like a violation of the Projection Principle, although the “severing of the external argument from its verb” (Kratzer 1996) may actually provide for it.

## **Proposta de um vocabulário contrastivo de Culinária: Português Brasileiro / Português Europeu**

Meire de Souza Lara

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa | Bolseira FCT

meire.s.lara@gmail.com

Esta proposta consiste em apresentar parte dos resultados da investigação desenvolvida para a dissertação de mestrado referente ao projeto de um vocabulário terminológico contrastivo entre duas variantes da Língua Portuguesa, nomeadamente, Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE), em uma área denominada Culinária que, para esta pesquisa, compreende termos que vão da preparação ao resultado dessa arte.

Tal como as teorias recentes no âmbito da socioterminologia e da pragmática – e contrariamente à teoria terminológica tradicional– este estudo admite a existência da variação terminológica. Visto que a ocorrência de variação, em maior ou menor grau, é previsível para o caso de línguas de especialidade compartilhadas por países de mesmo idioma, como é o caso de Brasil e Portugal, acredita-se ser necessário estabelecer as diferenças entre essas duas variantes do português, pois é necessário defender a língua portuguesa como um todo, projetando-a para o futuro como uma língua de informação científica e profissional.

A produção de um vocabulário técnico contrastivo da Culinária pretende servir de ferramenta aos especialistas e estudantes da área da Culinária fornecendo informação técnica, inclusive ao público comum, como as donas-de-casa que, com a expansão das fronteiras internacionais, têm acesso às receitas da outra comunidade, mas a quem muitas vezes faltam-lhes referências práticas para a identificação dos termos empregados.

Quanto à metodologia, esta investigação está dividida em seis fases, baseada na proposta por Maria Teresa Cabré em “Métodos de trabajo” no capítulo IV do seu livro *Terminología: Teoría, Metodología y Aplicaciones* (1993: 289), proposta essa que é sendo às necessidades específicas desta pesquisa.

Este trabalho resume-se em uma descrição do percurso metodológico percorrido para a elaboração do referido vocabulário, que tem por base corpora representativos da língua de especialidade, e em a apresentação de uma pequena amostra dos verbetes, com o intuito de dar uma ideia da obra concluída.

O *Vocabulário Terminológico Contrastivo de Culinária – Português Brasileiro / Português Europeu* está baseado em uma pesquisa terminológica monolíngue, sistemática, descritiva e contrastiva entre as duas variantes da língua portuguesa, que parte do Português Brasileiro para chegar às equivalentes do Português Europeu.

## **Proposta de um vocabulário contrastivo de Culinária: Português Brasileiro / Português Europeu**

Meire de Souza Lara

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa | Bolseira FCT

meire.s.lara@gmail.com

Esta proposta consiste em apresentar parte dos resultados da investigação desenvolvida para a dissertação de mestrado referente ao projeto de um vocabulário terminológico contrastivo entre duas variantes da Língua Portuguesa, nomeadamente, Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE), em uma área denominada Culinária que, para esta pesquisa, compreende termos que vão da preparação ao resultado dessa arte.

Tal como as teorias recentes no âmbito da socioterminologia e da pragmática – e contrariamente à teoria terminológica tradicional– este estudo admite a existência da variação terminológica. Visto que a ocorrência de variação, em maior ou menor grau, é previsível para o caso de línguas de especialidade compartilhadas por países de mesmo idioma, como é o caso de Brasil e Portugal, acredita-se ser necessário estabelecer as diferenças entre essas duas variantes do português, pois é necessário defender a língua portuguesa como um todo, projetando-a para o futuro como uma língua de informação científica e profissional.

A produção de um vocabulário técnico contrastivo da Culinária pretende servir de ferramenta aos especialistas e estudantes da área da Culinária fornecendo informação técnica, inclusive ao público comum, como as donas-de-casa que, com a expansão das fronteiras internacionais, têm acesso às receitas da outra comunidade, mas a quem muitas vezes faltam-lhes referências práticas para a identificação dos termos empregados.

Quanto à metodologia, esta investigação está dividida em seis fases, baseada na proposta por Maria Teresa Cabré em “Métodos de trabajo” no capítulo IV do seu livro *Terminología: Teoría, Metodología y Aplicaciones* (1993: 289), proposta essa que é sendo às necessidades específicas desta pesquisa.

Este trabalho resume-se em uma descrição do percurso metodológico percorrido para a elaboração do referido vocabulário, que tem por base corpora representativos da língua de especialidade, e em a apresentação de uma pequena amostra dos verbetes, com o intuito de dar uma ideia da obra concluída.

O *Vocabulário Terminológico Contrastivo de Culinária – Português Brasileiro / Português Europeu* está baseado em uma pesquisa terminológica monolíngue, sistemática, descritiva e contrastiva entre as duas variantes da língua portuguesa, que parte do Português Brasileiro para chegar às equivalentes do Português Europeu.

A variação terminológica é um aspecto inerente aos domínios de especialidade. Portanto, é fundamental levar em conta os contextos (social, situacional, espacial, linguístico) em que os termos circulam e registrar as variantes nas obras terminológicas.

Assim, este vocabulário poderá contribuir para dirimir as dúvidas em uma área especializada entre as variantes faladas nos dois países, facilitando a intercompreensão entre ambos, assim como contribuir para o estudo do Português nos seus diferentes contextos linguísticos, incentivando a educação para a diferença.

Poderá, também, gerar intercâmbio cultural, promovendo abertura para a interculturalidade, uma vez que a pesquisa para a feitura deste produto dá-se do ponto de vista sociocultural, pois a Culinária sempre teve um papel muito importante na formação cultural de um povo, além de refletir seu próprio modo de vida.

### **Referências bibliográficas:**

- CABRÉ, M. Teresa. (1993). *La terminología: teoría, metodología y aplicaciones*. Editorial Empúries, S.A. Barcelona, Espanha.
- CABRÉ, M. Teresa. (1999). *La terminología: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Barcelona.
- DIKI-DIKIRI, Marcel. (2002). *La Terminología Cultural*. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/8simposio/marcelDikikidiri.htm#a>> Acessado em: 05/02/2007.
- FAULSTICH, Enilde. (1997) *Variações terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha*. Disponível em: <[http://lilla2.unice.fr/labo\\_fr/Coll& Ouv/Colloques/termino96/enilde](http://lilla2.unice.fr/labo_fr/Coll& Ouv/Colloques/termino96/enilde)> Acessado em: 09/01/2007.
- FINATTO, Maria José Bocorny. (1996). *Unidade e Variação Na Língua Portuguesa: A Variação em Terminologia*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

A variação terminológica é um aspecto inerente aos domínios de especialidade. Portanto, é fundamental levar em conta os contextos (social, situacional, espacial, linguístico) em que os termos circulam e registrar as variantes nas obras terminológicas.

Assim, este vocabulário poderá contribuir para dirimir as dúvidas em uma área especializada entre as variantes faladas nos dois países, facilitando a intercompreensão entre ambos, assim como contribuir para o estudo do Português nos seus diferentes contextos linguísticos, incentivando a educação para a diferença.

Poderá, também, gerar intercâmbio cultural, promovendo abertura para a interculturalidade, uma vez que a pesquisa para a feitura deste produto dá-se do ponto de vista sociocultural, pois a Culinária sempre teve um papel muito importante na formação cultural de um povo, além de refletir seu próprio modo de vida.

### **Referências bibliográficas:**

- CABRÉ, M. Teresa. (1993). *La terminología: teoría, metodología y aplicaciones*. Editorial Empúries, S.A. Barcelona, Espanha.
- CABRÉ, M. Teresa. (1999). *La terminología: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Barcelona.
- DIKI-DIKIRI, Marcel. (2002). *La Terminología Cultural*. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/8simposio/marcelDikikidiri.htm#a>> Acessado em: 05/02/2007.
- FAULSTICH, Enilde. (1997) *Variações terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha*. Disponível em: <[http://lilla2.unice.fr/labo\\_fr/Coll& Ouv/Colloques/termino96/enilde](http://lilla2.unice.fr/labo_fr/Coll& Ouv/Colloques/termino96/enilde)> Acessado em: 09/01/2007.
- FINATTO, Maria José Bocorny. (1996). *Unidade e Variação Na Língua Portuguesa: A Variação em Terminologia*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.



## **A comparative view on answering strategies and new information subjects in Brazilian Portuguese and Finnish**

Lena Dal Pozzo & Simone Guesser

University of Siena - Centro Interdipartimentale di Studi Cognitivi sul Linguaggio

lena.dalpozzo@gmail.com

The aim of this work is to present a comparative study between subject focalization in Brazilian Portuguese (BP) and in Finnish. More specifically, we will be concerned with the strategies displayed by these languages to focalize subjects in context of new information focus (SNI). For this purpose, the same experimental design has been used. Data have been collected through the experimental design successfully used by Belletti & Leonini (2004) and Belletti et al. (2007) on answering strategies. The test consists of 22 short videos in which target questions on the subject are presented, hence providing the correct discourse-pragmatic conditions for answers in which the subject is new information focus. The original language of the video task is Italian. In the present work, we will present the data collected using the BP (Guesser 2007) and the Finnish (Dal Pozzo, work in progress) adaptations of the test. From a theoretical point of view, the research is based on relevant recent literature within the cartographic framework and assumes, in particular, the analyses proposed by Rizzi (1997; 2001) and Belletti (2001; 2004) for focus and topic constructions. The main aim of the present study is to observe whether the assumptions given in the literature hold for BP and Finnish. As far as these two languages may stand, BP and Finnish share nonetheless some interesting facts for their nature of partial null subject languages, even if at different degrees (cf. Holmberg, 2009) rendering the present study of particular interest. On one hand, data coming from the Brazilian Portuguese version of the experimental task provide interesting results. *Contra* previous studies (Belletti 2008a,b) the present research shows that BP allows various answering strategies. In particular, two strategies stand out: i) VS strategy, in which the subject is focalized in the preverbal position and ii) cleft strategies, which consist of cleft, reduced cleft, pseudo-cleft and truncated cleft constructions. On the other hand, the Finnish data show a parallel pattern: the preferred answering strategy is overwhelmingly SV, even though other strategies as the O/AdvVS order, clefts and reduced clefts are also displayed. Interestingly, both in BP and in Finnish the VS order is excluded in SNI focus contexts. When occurring, the VS is restricted to syntactic-pragmatic conditions which are not assumed in the parallel structure in languages like Italian (Belletti 2004). Finally, let us note that in Finnish, but not in BP, the VS order can be licensed only when an adverbial or an object is in the preverbal sentence-initial position. In the light of our observations and previous studies, the

## **A comparative view on answering strategies and new information subjects in Brazilian Portuguese and Finnish**

Lena Dal Pozzo & Simone Guesser

University of Siena - Centro Interdipartimentale di Studi Cognitivi sul Linguaggio

lena.dalpozzo@gmail.com

The aim of this work is to present a comparative study between subject focalization in Brazilian Portuguese (BP) and in Finnish. More specifically, we will be concerned with the strategies displayed by these languages to focalize subjects in context of new information focus (SNI). For this purpose, the same experimental design has been used. Data have been collected through the experimental design successfully used by Belletti & Leonini (2004) and Belletti et al. (2007) on answering strategies. The test consists of 22 short videos in which target questions on the subject are presented, hence providing the correct discourse-pragmatic conditions for answers in which the subject is new information focus. The original language of the video task is Italian. In the present work, we will present the data collected using the BP (Guesser 2007) and the Finnish (Dal Pozzo, work in progress) adaptations of the test. From a theoretical point of view, the research is based on relevant recent literature within the cartographic framework and assumes, in particular, the analyses proposed by Rizzi (1997; 2001) and Belletti (2001; 2004) for focus and topic constructions. The main aim of the present study is to observe whether the assumptions given in the literature hold for BP and Finnish. As far as these two languages may stand, BP and Finnish share nonetheless some interesting facts for their nature of partial null subject languages, even if at different degrees (cf. Holmberg, 2009) rendering the present study of particular interest. On one hand, data coming from the Brazilian Portuguese version of the experimental task provide interesting results. *Contra* previous studies (Belletti 2008a,b) the present research shows that BP allows various answering strategies. In particular, two strategies stand out: i) VS strategy, in which the subject is focalized in the preverbal position and ii) cleft strategies, which consist of cleft, reduced cleft, pseudo-cleft and truncated cleft constructions. On the other hand, the Finnish data show a parallel pattern: the preferred answering strategy is overwhelmingly SV, even though other strategies as the O/AdvVS order, clefts and reduced clefts are also displayed. Interestingly, both in BP and in Finnish the VS order is excluded in SNI focus contexts. When occurring, the VS is restricted to syntactic-pragmatic conditions which are not assumed in the parallel structure in languages like Italian (Belletti 2004). Finally, let us note that in Finnish, but not in BP, the VS order can be licensed only when an adverbial or an object is in the preverbal sentence-initial position. In the light of our observations and previous studies, the

research questions to which we aim to answer are: i) is it possible to assume the same focalization structure for BP and Finnish and to what extent it can be related to their partial NSL nature?, ii) which are the discourse-syntactic conditions for VS order in BP and (Adv/O)VS in Finnish and iii) how can we account for the differences between BP and Finnish?

### References:

- Belletti, A. 2004. "Aspects of the low IP area", in *The Structure of CP and IP*, L.Rizzi (ed.), Oxford University Press.
- Belletti, A.; Leonini, C. 2004. "Subject inversion in L2 Italian", in S. Foster-Cohen, M. Sharwood Smith, A. Sorace, M. Ota (eds.) *Eurosla Yearbook 4*, John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.
- Guesser, S. 2007. *Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in portoghese-brasiliano*, Master Thesis, University of Siena.
- Holmberg, A. 2002. "Deriving OV order in Finnish", in Svenonius, P. (ed.). *The Derivation of VO and OV*, Benjamins, Amsterdam.
- Rizzi, L. 1997. "The Fine Structure of the Left Periphery", in L. Haegeman (ed.) *Elements of Grammar*, Kluwer Publications, Dordrecht.

research questions to which we aim to answer are: i) is it possible to assume the same focalization structure for BP and Finnish and to what extent it can be related to their partial NSL nature?, ii) which are the discourse-syntactic conditions for VS order in BP and (Adv/O)VS in Finnish and iii) how can we account for the differences between BP and Finnish?

### **References:**

- Belletti, A. 2004. "Aspects of the low IP area", in *The Structure of CP and IP*, L.Rizzi (ed.), Oxford University Press.
- Belletti, A.; Leonini, C. 2004. "Subject inversion in L2 Italian", in S. Foster-Cohen, M. Sharwood Smith, A. Sorace, M. Ota (eds.) *Eurosla Yearbook 4*, John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.
- Guessier, S. 2007. *Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in portoghese-brasiliano*, Master Thesis, University of Siena.
- Holmberg, A. 2002. "Deriving OV order in Finnish", in Svenonius, P. (ed.). *The Derivation of VO and OV*, Benjamins, Amsterdam.
- Rizzi, L. 1997. "The Fine Structure of the Left Periphery", in L. Haegeman (ed.) *Elements of Grammar*, Kluwer Publications, Dordrecht.

## **A promoção da língua nacional brasileira no exterior: uma análise das iniciativas do Ministério das Relações Exteriores**

Leandro Diniz

Universidade Estadual de Campinas | Bolseira FAPESP

leandroradiniz@yahoo.com.br

Nos últimos anos, tem se observado um fortalecimento das iniciativas do Estado brasileiro para a internacionalização do português, através de ações implementadas, sobretudo, pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE). Dentre as ações do MEC, destaca-se a criação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), sobre o qual nos detivemos em trabalhos anteriores (DINIZ, 2010). O MRE, por sua vez, atua na divulgação do português através da Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP), que coordena a Rede Brasileira de Ensino no Exterior (RBEx), de cuja composição fazem parte Centros Culturais Brasileiros, Institutos Culturais Bilaterais e leitorados. É sobre essa rede que nos concentraremos em nossa apresentação, com vistas a contribuir para a análise da política linguística exterior brasileira. A relevância de tal reflexão se justifica pelo fato de que, embora as discussões sobre o futuro da língua portuguesa em um mundo “globalizado” tenham ganho espaço recentemente, ainda são escassos os estudos que investigam a posição do Estado brasileiro em relação à internacionalização do português (ZOPPI-FONTANA, 2009).

Nosso estudo se filia ao quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso pècheutiana, na sua relação com a História das Idéias Linguísticas (ORLANDI, 2001) – campo que, no Brasil, se caracteriza por trabalhar a relação entre os processos de instrumentalização e institucionalização de uma língua com a constituição do Estado e identidade nacionais. Em nossa pesquisa, a fim de investigar a institucionalização de mecanismos de promoção da língua nacional brasileira no exterior, temos como *corpus* (a) portarias, editais e outros documentos referentes à DPLP; (b) matérias jornalísticas dedicadas ao tema; (c) entrevistas com profissionais envolvidos nas políticas linguísticas do MRE.

Nossas análises indicam que a RBEx não objetiva, pura e simplesmente, atuar em quaisquer áreas onde a língua e cultura brasileiras sejam pouco difundidas, mas sim promovê-las em regiões consideradas estratégicas para o Brasil. Observam-se, inclusive, mudanças na configuração dessa rede vinculadas a modificações na política externa do país. Destaca-se, nesse sentido, a crescente promoção do português na África e na América do Sul, em consonância com a maior abertura da política externa brasileira para o “diálogo sul-sul”. Também se nota uma

## **A promoção da língua nacional brasileira no exterior: uma análise das iniciativas do Ministério das Relações Exteriores**

Leandro Diniz

Universidade Estadual de Campinas | Bolseira FAPESP

leandroradiniz@yahoo.com.br

Nos últimos anos, tem se observado um fortalecimento das iniciativas do Estado brasileiro para a internacionalização do português, através de ações implementadas, sobretudo, pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE). Dentre as ações do MEC, destaca-se a criação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), sobre o qual nos detivemos em trabalhos anteriores (DINIZ, 2010). O MRE, por sua vez, atua na divulgação do português através da Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP), que coordena a Rede Brasileira de Ensino no Exterior (RBEx), de cuja composição fazem parte Centros Culturais Brasileiros, Institutos Culturais Bilaterais e leitorados. É sobre essa rede que nos concentraremos em nossa apresentação, com vistas a contribuir para a análise da política linguística exterior brasileira. A relevância de tal reflexão se justifica pelo fato de que, embora as discussões sobre o futuro da língua portuguesa em um mundo “globalizado” tenham ganho espaço recentemente, ainda são escassos os estudos que investigam a posição do Estado brasileiro em relação à internacionalização do português (ZOPPI-FONTANA, 2009).

Nosso estudo se filia ao quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso pècheutiana, na sua relação com a História das Idéias Linguísticas (ORLANDI, 2001) – campo que, no Brasil, se caracteriza por trabalhar a relação entre os processos de instrumentalização e institucionalização de uma língua com a constituição do Estado e identidade nacionais. Em nossa pesquisa, a fim de investigar a institucionalização de mecanismos de promoção da língua nacional brasileira no exterior, temos como *corpus* (a) portarias, editais e outros documentos referentes à DPLP; (b) matérias jornalísticas dedicadas ao tema; (c) entrevistas com profissionais envolvidos nas políticas linguísticas do MRE.

Nossas análises indicam que a RBEx não objetiva, pura e simplesmente, atuar em quaisquer áreas onde a língua e cultura brasileiras sejam pouco difundidas, mas sim promovê-las em regiões consideradas estratégicas para o Brasil. Observam-se, inclusive, mudanças na configuração dessa rede vinculadas a modificações na política externa do país. Destaca-se, nesse sentido, a crescente promoção do português na África e na América do Sul, em consonância com a maior abertura da política externa brasileira para o “diálogo sul-sul”. Também se nota uma

mudança no escopo das atividades desenvolvidas pelos organismos da RBEx, que, cada vez mais, investem na difusão da cultura brasileira, e não apenas no ensino da língua portuguesa.

### **Referências Bibliográficas:**

- Diniz, L. R. A. 2010. *Mercado de línguas: a instrumentalização brasileira do português como língua estrangeira*. Campinas: RG.
- Orlandi, E. P. (org.). 2001. *História das Idéias Lingüísticas: Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional*. Campinas: Pontes.
- Zoppi-Fontana, M. G. (org.). 2009. *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: RG.

### **Posicionamentos do Frevo no discurso literomusical brasileiro – ethos e incorporação numa canção de Capiba**

Julio Vila Nova

Universidade Federal de Pernambuco

juliovilanova@ig.com.br

Este trabalho é uma amostra da tese de doutoramento intitulada “Posicionamentos do Frevo no Discurso Literomusical Brasileiro”, em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, Pernambuco, Brasil. Inserida na área de Análise do Discurso, e integrando a perspectiva bakhtiniana de estudos de gêneros discursivos, a pesquisa soma-se a uma gama de investigações recentes sobre o discurso literomusical, que refletem a importância desse campo para a compreensão da cultura brasileira. Parte-se da concepção de gênero como construto sociodiscursivo e como enunciado – “unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN 2000) – numa perspectiva dialógica, levando-se em conta noções como posicionamento, cena enunciativa, ethos discursivo e incorporação (MAINGUENEAU 2008), para uma análise de letras do Frevo-canção, gênero carnavalesco brasileiro relacionado ao contexto sócio-histórico de surgimento das primeiras agremiações do carnaval de rua em Pernambuco, no século XIX, sob influência de manifestações culturais europeias (sobretudo Portugal, França e Itália) e africanas. A partir da constatação de que “os posicionamentos devem ser encarados como momentos de um percurso” (COSTA 2001), a metodologia de análise lingüístico-discursiva das canções define como objetivo central buscar a compreensão de como se dá a inserção do Frevo no panorama da cultura brasileira, em três

mudança no escopo das atividades desenvolvidas pelos organismos da RBEx, que, cada vez mais, investem na difusão da cultura brasileira, e não apenas no ensino da língua portuguesa.

### **Referências Bibliográficas:**

- Diniz, L. R. A. 2010. *Mercado de línguas: a instrumentalização brasileira do português como língua estrangeira*. Campinas: RG.
- Orlandi, E. P. (org.). 2001. *História das Idéias Lingüísticas: Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional*. Campinas: Pontes.
- Zoppi-Fontana, M. G. (org.). 2009. *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: RG.

### **Posicionamentos do Frevo no discurso literomusical brasileiro – ethos e incorporação numa canção de Capiba**

Julio Vila Nova

Universidade Federal de Pernambuco

juliovilanova@ig.com.br

Este trabalho é uma amostra da tese de doutoramento intitulada “Posicionamentos do Frevo no Discurso Literomusical Brasileiro”, em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, Pernambuco, Brasil. Inserida na área de Análise do Discurso, e integrando a perspectiva bakhtiniana de estudos de gêneros discursivos, a pesquisa soma-se a uma gama de investigações recentes sobre o discurso literomusical, que refletem a importância desse campo para a compreensão da cultura brasileira. Parte-se da concepção de gênero como construto sociodiscursivo e como enunciado – “unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN 2000) – numa perspectiva dialógica, levando-se em conta noções como posicionamento, cena enunciativa, ethos discursivo e incorporação (MAINGUENEAU 2008), para uma análise de letras do Frevo-canção, gênero carnavalesco brasileiro relacionado ao contexto sócio-histórico de surgimento das primeiras agremiações do carnaval de rua em Pernambuco, no século XIX, sob influência de manifestações culturais europeias (sobretudo Portugal, França e Itália) e africanas. A partir da constatação de que “os posicionamentos devem ser encarados como momentos de um percurso” (COSTA 2001), a metodologia de análise lingüístico-discursiva das canções define como objetivo central buscar a compreensão de como se dá a inserção do Frevo no panorama da cultura brasileira, em três



momentos: 1) a partir dos anos 1920, na “Era de Ouro do Rádio”, concomitante ao florescimento da indústria fonográfica brasileira; 2) os anos 1950-1980, com destacada atuação da Fábrica de Discos Rozemblit, no Recife, capital de Pernambuco; e 3) dos anos 1990 até o presente, com o aumento de produções independentes, efeito do desenvolvimento da tecnologia de gravação digital. A análise da cenografia – ou seja, da “cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado” (MAINGUENEAU 2008) – e do ethos discursivo nas obras selecionadas revela, como resultado parcial, a definição de posicionamentos marcados por duas feições básicas: 1) como projeto enunciativo de afirmação identitária do Frevo: canções que demarcam terreno no campo literomusical brasileiro; 2) como manifestação de caráter intergenérico: canções que apresentam elementos constitutivos da crônica, gênero literário caracterizado pelo registro de fatos e impressões cotidianas. A canção *É Frevo, Meu Bem!*, de Capiba, lançada em 1952, exemplifica o primeiro caso. Observa-se a elaboração de uma cenografia que favorece uma imagem positiva da cultura pernambucana, ao ressaltar sua multiplicidade pela variedade de formas simbólicas da dança (maracatu, baião, dança de roda), com ênfase no Frevo, palavra empregada em detrimento de “passo”, como é tradicionalmente designada a coreografia desenvolvida pelo passista. Tem-se aí um exemplo do que Maingueneau chama de incorporação, numa perspectiva de ampliação do conceito de ethos para além da retórica: o desenvolvimento da persuasão ocorre também através de um “processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (MAINGUENEAU 2005). Esse processo é articulado pela presença de um fiador, que corresponde à voz enunciativa, investida de um caráter e uma corporalidade. *É Frevo, Meu Bem!* evidencia, então, uma corporalidade enunciada através da ênfase na palavra Frevo, contribuindo para definir seu posicionamento no campo literomusical brasileiro enquanto marca identitária da cultura pernambucana.

### **Referências Bibliográficas:**

- Bakhtin, M. 2000. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes.
- Costa, Nelson B. 2001. *A Produção do Discurso Literomusical Brasileiro*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, PUC São Paulo.
- Maingueneau, D. 2005. *Ethos, cenografia, incorporação*. In AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso*. São Paulo, Contexto.
- Maingueneau, D. 2008. *Cenas da Enunciação*. São Paulo, Parábola Editorial.

momentos: 1) a partir dos anos 1920, na “Era de Ouro do Rádio”, concomitante ao florescimento da indústria fonográfica brasileira; 2) os anos 1950-1980, com destacada atuação da Fábrica de Discos Rozemblit, no Recife, capital de Pernambuco; e 3) dos anos 1990 até o presente, com o aumento de produções independentes, efeito do desenvolvimento da tecnologia de gravação digital. A análise da cenografia – ou seja, da “cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado” (MAINGUENEAU 2008) – e do ethos discursivo nas obras selecionadas revela, como resultado parcial, a definição de posicionamentos marcados por duas feições básicas: 1) como projeto enunciativo de afirmação identitária do Frevo: canções que demarcam terreno no campo literomusical brasileiro; 2) como manifestação de caráter intergenérico: canções que apresentam elementos constitutivos da crônica, gênero literário caracterizado pelo registro de fatos e impressões cotidianas. A canção *É Frevo, Meu Bem!*, de Capiba, lançada em 1952, exemplifica o primeiro caso. Observa-se a elaboração de uma cenografia que favorece uma imagem positiva da cultura pernambucana, ao ressaltar sua multiplicidade pela variedade de formas simbólicas da dança (maracatu, baião, dança de roda), com ênfase no Frevo, palavra empregada em detrimento de “passo”, como é tradicionalmente designada a coreografia desenvolvida pelo passista. Tem-se aí um exemplo do que Maingueneau chama de incorporação, numa perspectiva de ampliação do conceito de ethos para além da retórica: o desenvolvimento da persuasão ocorre também através de um “processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (MAINGUENEAU 2005). Esse processo é articulado pela presença de um fiador, que corresponde à voz enunciativa, investida de um caráter e uma corporalidade. *É Frevo, Meu Bem!* evidencia, então, uma corporalidade enunciada através da ênfase na palavra Frevo, contribuindo para definir seu posicionamento no campo literomusical brasileiro enquanto marca identitária da cultura pernambucana.

### **Referências Bibliográficas:**

- Bakhtin, M. 2000. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes.
- Costa, Nelson B. 2001. *A Produção do Discurso Literomusical Brasileiro*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, PUC São Paulo.
- Maingueneau, D. 2005. *Ethos, cenografia, incorporação*. In AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso*. São Paulo, Contexto.
- Maingueneau, D. 2008. *Cenas da Enunciação*. São Paulo, Parábola Editorial.

## **Terminologia do Direito Processual Civil em Cabo Verde**

Evódia Graça

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

evodiagomes@hotmail.com

O presente trabalho tem como objectivo prioritário propor a criação de uma base de dados terminológica e textual trilingue – Português – Inglês – Francês no domínio do direito processual civil em Cabo Verde. Assim, os termos e as colocações terminológicas seleccionados e armazenados estão na base da preparação dos recursos linguísticos e terminológicos para o ensino do português jurídico nas universidades e institutos superiores do arquipélago, além de serem uma ferramenta indispensável para os juristas, advogados, magistrados, tradutores, etc. tanto de Cabo Verde como dos restantes países da CPLP.

O ensino do Português Jurídico a estudantes dos cursos de Direito em Cabo Verde é sem dúvida imprescindível para a aquisição de competências a nível terminológico na área, uma vez que até ao momento os alunos não têm acesso a nenhuma disciplina que os possa auxiliar na aquisição do discurso jurídico, elemento fundamental para qualquer futuro especialista da área do Direito. Como afirma Costa “para que um membro de uma comunidade científica seja aceite e reconhecido como especialista, é necessário que active mecanismos discursivos (escritos e/ou orais) que lhe permita partilhar o seu saber com os membros da comunidade a que pertence” (Costa 2001:200). Essa aquisição de competências a nível terminológico, segundo Heitor (2005:14) “passa obrigatoriamente pelo ensino / aprendizagem do português de especialidade”. E, como acrescenta Costa, “o uso adequado da Terminologia e a sua inserção correcta no texto ou no discurso é comum a todos aqueles que constituem uma comunidade científica, podendo ser excluído todo aquele que não possui esse saber” (Costa 2001:203).

Assim, a aprendizagem da terminologia jurídica constitui um desafio para qualquer estudante de Direito. Para dominar a terminologia jurídica, é necessário conhecer os conceitos da área de especialidade que os termos designam, uma vez que o discurso jurídico tem de reflectir forçosamente um conhecimento específico.

Pelas razões apontadas, acreditamos que é urgente apostar na criação de uma disciplina de carácter teórico-prático nos cursos de Direito nas universidades e institutos superiores do arquipélago de Cabo Verde, uma vez que possibilitará uma melhoria na aprendizagem do Português como língua de especialidade e, consequentemente, uma formação mais qualificada de novos quadros da área do Direito.

## **Terminologia do Direito Processual Civil em Cabo Verde**

Evódia Graça

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

evodiagomes@hotmail.com

O presente trabalho tem como objectivo prioritário propor a criação de uma base de dados terminológica e textual trilingue – Português – Inglês – Francês no domínio do direito processual civil em Cabo Verde. Assim, os termos e as colocações terminológicas seleccionados e armazenados estão na base da preparação dos recursos linguísticos e terminológicos para o ensino do português jurídico nas universidades e institutos superiores do arquipélago, além de serem uma ferramenta indispensável para os juristas, advogados, magistrados, tradutores, etc. tanto de Cabo Verde como dos restantes países da CPLP.

O ensino do Português Jurídico a estudantes dos cursos de Direito em Cabo Verde é sem dúvida imprescindível para a aquisição de competências a nível terminológico na área, uma vez que até ao momento os alunos não têm acesso a nenhuma disciplina que os possa auxiliar na aquisição do discurso jurídico, elemento fundamental para qualquer futuro especialista da área do Direito. Como afirma Costa “para que um membro de uma comunidade científica seja aceite e reconhecido como especialista, é necessário que active mecanismos discursivos (escritos e/ou orais) que lhe permita partilhar o seu saber com os membros da comunidade a que pertence” (Costa 2001:200). Essa aquisição de competências a nível terminológico, segundo Heitor (2005:14) “passa obrigatoriamente pelo ensino / aprendizagem do português de especialidade”. E, como acrescenta Costa, “o uso adequado da Terminologia e a sua inserção correcta no texto ou no discurso é comum a todos aqueles que constituem uma comunidade científica, podendo ser excluído todo aquele que não possui esse saber” (Costa 2001:203).

Assim, a aprendizagem da terminologia jurídica constitui um desafio para qualquer estudante de Direito. Para dominar a terminologia jurídica, é necessário conhecer os conceitos da área de especialidade que os termos designam, uma vez que o discurso jurídico tem de reflectir forçosamente um conhecimento específico.

Pelas razões apontadas, acreditamos que é urgente apostar na criação de uma disciplina de carácter teórico-prático nos cursos de Direito nas universidades e institutos superiores do arquipélago de Cabo Verde, uma vez que possibilitará uma melhoria na aprendizagem do Português como língua de especialidade e, consequentemente, uma formação mais qualificada de novos quadros da área do Direito.

Para a concepção e implementação da base de dados terminológica, foi importante constituir um *corpus* de especialidade com textos do domínio do direito processual civil, onde focalizámos a nossa análise nas colocações terminológicas nominais que na sua estrutura contemplem pelo menos um adjetivo: *apreciação do Supremo Tribunal de Justiça, ampliação da competência territorial, intervenção do tribunal colectivo*, etc.

### **Referências Bibliográficas**

Conceição, M.C. 2005. *Concept, Termes et Reformulations*. Presse Universitaire de Lyon.

Cornu, G.2005. *Linguistique Juridique*. Paris: Montchrestien EJA, 3 édition.

Costa, R; R. Alves. 2004. “*The Verb in the Terminological Collocations. A Contribution to the Development of a Morphological Analyser. MorphoComp*”, *Proceedings of the IV International Conference on Language Resources and Evaluation - LREC 2004*. Eds. Maria Teresa Lino, Francisca Xavier, Fátima Ferreira, Rute Costa, Raquel Silva. Lisbon: ELRA.

Costa, R. 2001. *Pressupostos teóricos e metodológicos para a extracção automática de unidades terminológicas multilexémicas*. Dissertação de Doutoramento, FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

L’Homme, M.C. 2004. *La Terminologie: Principes et techniques*. Les Presse de Université Montréal.

### **Definiteness in Aramaic-Syriac**

Roula Skaf

Université de Provence

roula250@yahoo.fr

This paper presents a diachronic study on definiteness in Syriac by comparing with the ancient Aramaic and Syriac neo-Western.

Aramaic *Ârâmâyâ* is a language that belongs to a group of Semitic languages and dialects of the Afro-Asiatic family. From the third century BC until 650 years after Christ, it was the main written language of the Middle East. The Syriac Aramaic means variants that have spread in early Christian era. The neo-Syriac West, with about 100,000 speakers, is spoken mainly in the southeast of Turkey, Lebanon and in Syria.

For the classical Syriac, the data used in this article come from a written corpus: the Peshitta- Gospel of Matthew or *da kruzuto - mti f liho* “Gospel of Matthew the prophet”; for the ancient Aramaic, the examples are drawn from different sources: grammars (Rosenthal 1988 Haelewyck 2006); and finally for the Western neo-

Para a concepção e implementação da base de dados terminológica, foi importante constituir um *corpus* de especialidade com textos do domínio do direito processual civil, onde focalizámos a nossa análise nas colocações terminológicas nominais que na sua estrutura contemplem pelo menos um adjetivo: *apreciação do Supremo Tribunal de Justiça, ampliação da competência territorial, intervenção do tribunal colectivo*, etc.

### **Referências Bibliográficas**

- Conceição, M.C. 2005. *Concept, Termes et Reformulations*. Presse Universitaire de Lyon.
- Cornu, G.2005. *Linguistique Juridique*. Paris: Montchrestien EJA, 3 édition.
- Costa, R; R. Alves. 2004. “*The Verb in the Terminological Collocations. A Contribution to the Development of a Morphological Analyser. MorphoComp*”, *Proceedings of the IV International Conference on Language Resources and Evaluation - LREC 2004*. Eds. Maria Teresa Lino, Francisca Xavier, Fátima Ferreira, Rute Costa, Raquel Silva. Lisbon: ELRA.
- Costa, R. 2001. *Pressupostos teóricos e metodológicos para a extracção automática de unidades terminológicas multilexémicas*. Dissertação de Doutoramento, FCSH, Universidade Nova de Lisboa.
- L’Homme, M.C. 2004. *La Terminologie: Principes et techniques*. Les Presse de Université Montréal.

### **Definiteness in Aramaic-Syriac**

Roula Skaf

Université de Provence

roula250@yahoo.fr

This paper presents a diachronic study on definiteness in Syriac by comparing with the ancient Aramaic and Syriac neo-Western.

Aramaic *Ârâmâyâ* is a language that belongs to a group of Semitic languages and dialects of the Afro-Asiatic family. From the third century BC until 650 years after Christ, it was the main written language of the Middle East. The Syriac Aramaic means variants that have spread in early Christian era. The neo-Syriac West, with about 100,000 speakers, is spoken mainly in the southeast of Turkey, Lebanon and in Syria.

For the classical Syriac, the data used in this article come from a written corpus: the Peshitta- Gospel of Matthew or *da kruzuto - mti f’liho* “Gospel of Matthew the prophet”; for the ancient Aramaic, the examples are drawn from different sources: grammars (Rosenthal 1988 Haelewyck 2006); and finally for the Western neo-

Syriac, the examples come from the speakers: some spontaneous data.

The Aramaic language went through definiteness marking: the suffix *-a* in addition (added) to the gender and number of nouns (Greenberg, 1978). This extension has lost its meaning defined in Syriac and become a casual mark for a noun (Moscati et al. 1969, p.98/Greenberg, 1978, p.59).

Classical Syriac:

(1) a. *malkto* 'a /the queen' → defini et indefini

Neo-syriac occidental :

(2) a. *bisnta* 'a / the girl' → defini / indefini

The definite and indefinite are neither distinguished nor specified. So, how does the Syriac language and neo-Syriac refer to, update or generalize a nominal entity? A generic noun or defined by the speakers will not be identified in the same way in both languages: a genitive, a demonstrative or another. The treatment of the object of a verb is different in the two languages as it is defined or not, because in the first case it will be preceded by the prefix *a-* (ex.3a), while in the second it won't; it is rather marked by the zero morpheme (eg 3b).

(3) Classical Syriac:

|  |                                   |  |
|--|-----------------------------------|--|
| a. <i>hoze – no</i><br>to see.INAC-1SG | <i>l-gabro</i><br><b>DEF</b> -man | b. <i>hoze – no</i> $\emptyset$ - <i>gabro</i><br>to see.INAC-1SG <b>NDEF</b> -man |
|--|-----------------------------------|--|

'I saw **the** man'

'I saw [**a**] man'

This study leads to the following conclusion: the fact that the form is now defined on the canonical noun, defined or not, provided a greater liberty to form morpheme determinations as the demonstrative that is causing a definite article (Kirtchuk, 2005), personal pronouns, the genitive and the relative.

### References:

- Greenberg, J., 1978. How does a language acquire gender markers? Dans Greenberg, J., C. A. Ferguson & E. A. Moravcsik (éds.), *Universals of human language*. 47-82. Stanford: Stanford University Press.
- Haelewyck, J.C., 2006. *Grammaire comparée des langues sémitiques*, Bruxelles : Safran.
- Kirtchuk, P., 2005. Definiteness. *Encyclopedia of Linguistics*, New York: Routledge.
- Moscati, S., et al., 1969. *An Introduction to the Comparative Grammar of the Semitic*, New York: Cambridge University Press.

Syriac, the examples come from the speakers: some spontaneous data.

The Aramaic language went through definiteness marking: the suffix *-a* in addition (added) to the gender and number of nouns (Greenberg, 1978). This extension has lost its meaning defined in Syriac and become a casual mark for a noun (Moscati et al. 1969, p.98/Greenberg, 1978, p.59).

Classical Syriac:

(1) a. *malkto* 'a /the queen' → defini et indefini

Neo-syriac occidental :

(2) a. *bisnta* 'a / the girl' → defini / indefini

The definite and indefinite are neither distinguished nor specified. So, how does the Syriac language and neo-Syriac refer to, update or generalize a nominal entity? A generic noun or defined by the speakers will not be identified in the same way in both languages: a genitive, a demonstrative or another. The treatment of the object of a verb is different in the two languages as it is defined or not, because in the first case it will be preceded by the prefix *a-*(ex.3a), while in the second it won't; it is rather marked by the zero morpheme (eg 3b).

(3) Classical Syriac:

|  |                                   |  |
|--|-----------------------------------|--|
| a. <i>hoze – no</i><br>to see.INAC-1SG | <i>l-gabro</i><br><b>DEF</b> -man | b. <i>hoze – no</i> $\emptyset$ - <i>gabro</i><br>to see.INAC-1SG <b>NDEF</b> -man |
|--|-----------------------------------|--|

'I saw **the** man'

'I saw [**a**] man'

This study leads to the following conclusion: the fact that the form is now defined on the canonical noun, defined or not, provided a greater liberty to form morpheme determinations as the demonstrative that is causing a definite article (Kirtchuk, 2005), personal pronouns, the genitive and the relative.

### References:

- Greenberg, J., 1978. How does a language acquire gender markers? Dans Greenberg, J., C. A. Ferguson & E. A. Moravcsik (éds.), *Universals of human language*. 47-82. Stanford: Stanford University Press.
- Haelewyck, J.C., 2006. *Grammaire comparée des langues sémitiques*, Bruxelles : Safran.
- Kirtchuk, P., 2005. Definiteness. *Encyclopedia of Linguistics*, New York: Routledge.
- Moscati, S., et al., 1969. *An Introduction to the Comparative Grammar of the Semitic*, New York: Cambridge University Press.



Rosenthal, F., 1988. *Grammaire d'araméen biblique*, traduit par Paul Hebert, Montpellier: Sessions de langues bibliques.

### **O latinismo na lírica medieval galego-portuguesa**

Francisco González Lousada

Universidade da Coruña

franlousada@gmail.com

A nossa proposta de comunicação está integrada num projecto de tese de doutoramento que tem como objecto o estudo do latinismo nos textos medievais galego-portugueses. As razões desta investigação são, em primeiro lugar, a inexistência, na linguística galega actual, de trabalhos monográficos que se ocupem do latinismo. Temos algumas aproximações ao estudo dos neologismos ou aos cultismos que se inserem dentro da gramática prescritiva, tendo como objectivo final o acréscimo e a adaptação duma série de itens lexicais ao vocabulário *standard* da língua galega, com especial atenção ao âmbito científico e ao léxico do registo formal. Igualmente, a linguística portuguesa centra-se, sobretudo, na lexicografia.

Porém, o nosso trabalho pretende analisar o latinismo nos planos fonético, morfossintáctico e léxico, evitando que a visão deste tipo de empréstimos se limite à esfera da lexicografia, desde uma perspectiva histórica centrada no período medieval. Na comunicação proposta limitar-nos-emos à lírica medieval, profana e religiosa. Neste *corpus* achamos alguns elementos específicos em que centraremos o nosso interesse. O aspecto fundamental que as caracteriza frente a outros géneros e a presença de formas que os especialistas definiram como “arcaísmos”. Estes “arcaísmos” são, na realidade, estilemas próprios da língua trovadoresca que chegam a aparecer ao lado do seu equivalente semântico através da ditologia sinonímica: *eixidas / saídas, sanha / ira*, etc.

Devemos salientar, por tanto, que um dos aspectos fundamentais que definem o uso dos latinismos nestes textos é o estilístico. As normas que regem a composição da poesia medieval condicionam o uso do latinismo e distinguem-nos doutras modalidades textuais. Além destes elementos, tem de ser considerada a presença de vocabulário relacionado com os âmbitos eclesiástico e científico e as particularidades derivadas da transmissão dos textos poéticos medievais.

Rosenthal, F., 1988. *Grammaire d'araméen biblique*, traduit par Paul Hebert, Montpellier: Sessions de langues bibliques.

### **O latinismo na lírica medieval galego-portuguesa**

Francisco González Lousada

Universidade da Coruña

franlousada@gmail.com

A nossa proposta de comunicação está integrada num projecto de tese de doutoramento que tem como objecto o estudo do latinismo nos textos medievais galego-portugueses. As razões desta investigação são, em primeiro lugar, a inexistência, na linguística galega actual, de trabalhos monográficos que se ocupem do latinismo. Temos algumas aproximações ao estudo dos neologismos ou aos cultismos que se inserem dentro da gramática prescritiva, tendo como objectivo final o acréscimo e a adaptação duma série de itens lexicais ao vocabulário *standard* da língua galega, com especial atenção ao âmbito científico e ao léxico do registo formal. Igualmente, a linguística portuguesa centra-se, sobretudo, na lexicografia.

Porém, o nosso trabalho pretende analisar o latinismo nos planos fonético, morfossintáctico e léxico, evitando que a visão deste tipo de empréstimos se limite à esfera da lexicografia, desde uma perspectiva histórica centrada no período medieval. Na comunicação proposta limitar-nos-emos à lírica medieval, profana e religiosa. Neste *corpus* achamos alguns elementos específicos em que centraremos o nosso interesse. O aspecto fundamental que as caracteriza frente a outros géneros e a presença de formas que os especialistas definiram como “arcaísmos”. Estes “arcaísmos” são, na realidade, estilemas próprios da língua trovadoresca que chegam a aparecer ao lado do seu equivalente semântico através da ditologia sinonímica: *eixidas / saídas, sanha / ira*, etc.

Devemos salientar, por tanto, que um dos aspectos fundamentais que definem o uso dos latinismos nestes textos é o estilístico. As normas que regem a composição da poesia medieval condicionam o uso do latinismo e distinguem-nos doutras modalidades textuais. Além destes elementos, tem de ser considerada a presença de vocabulário relacionado com os âmbitos eclesiástico e científico e as particularidades derivadas da transmissão dos textos poéticos medievais.

**Referências bibliográficas:**

- Clavería Nadal, G. 1992. *El latinismo en español*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Molho, M. 1985. “Apuntes para una teoría del cultismo”. *Bulletin Hispanique* 87, 471-484.
- Puentes Romay, J. A. 2007. “Latín e romance. Aspectos xerais”. In A. I. Boullón Agrelo (ed.). *Na nosa lyngoage galega. A emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Media*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega-Instituto da Lingua Galega, 95-113.
- Souto Cabo, J. A. 2008. “O texto das cantigas nas prácticas escriturais do séc. XIII”. In M. Ferreiro, C. P. Martínez Pereiro & L. Tato Fontaña. *A edición da Poesía Trobadoresca en Galiza*. A Coruña: Baía Edicións, 161-176.
- Wright, R. 1991. “La enseñanza de la ortografía en la Galicia de hace mil años”. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 18, 5-25.

**A influência de predicados coletivos e distributivos na resolução da anáfora conceitual**

Mahayana Godoy

Universidade Estadual de Campinas

mahayanag@gmail.com

Campo de interesse para estudos psicolinguísticos, as anáforas conceituais (e.g., “Antes de viajar, o batalhão foi vacinado. Eles foram para a África”) permitem investigar como um pronome plural pode ser resolvido a partir de uma expressão antecedente singular. Tendo como questão central a resolução dessas anáforas, organizamos nosso trabalho a partir das seguintes perguntas: (i) como um nome singular licencia um pronome plural; (ii) que características do co-texto anterior ao pronome concorrem para a sua saturação. Segundo Landman (1989), grupos como “batalhão” podem alcançar denotação plural quando recebem uma predicação distributiva (e.g., foi vacinado), mas também podem ter uma denotação singular quando são predicados coletivamente (e.g., foi reorganizado). Em outras palavras, enquanto o predicado seleciona a pluralidade de membros que compõem o batalhão no primeiro caso, no segundo, o mesmo batalhão é predicado como instituição, i.e., como entidade singular. A vagueza da expressão, portanto, permitiria uma retomada anafórica plural, retomada essa que ocorreria preferencialmente após uma predicação distributiva. Com base nessas considerações, presumimos que a leitura coletiva ou distributiva determinada pelo predicado poderia influenciar a resolução pronominal, se considerarmos

### Referências bibliográficas:

- Clavería Nadal, G. 1992. *El latinismo en español*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Molho, M. 1985. “Apuntes para una teoría del cultismo”. *Bulletin Hispanique* 87, 471-484.
- Puentes Romay, J. A. 2007. “Latín e romance. Aspectos xerais”. In A. I. Boullón Agrelo (ed.). *Na nosa lyngoage galega. A emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Media*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega-Instituto da Lingua Galega, 95-113.
- Souto Cabo, J. A. 2008. “O texto das cantigas nas prácticas escriturais do séc. XIII”. In M. Ferreiro, C. P. Martínez Pereiro & L. Tato Fontaña. *A edición da Poesía Trobadoresca en Galiza*. A Coruña: Baía Edicións, 161-176.
- Wright, R. 1991. “La enseñanza de la ortografía en la Galicia de hace mil años”. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 18, 5-25.

### A influência de predicados coletivos e distributivos na resolução da anáfora conceitual

Mahayana Godoy

Universidade Estadual de Campinas

mahayanag@gmail.com

Campo de interesse para estudos psicolinguísticos, as anáforas conceituais (e.g., “Antes de viajar, o batalhão foi vacinado. Eles foram para a África”) permitem investigar como um pronome plural pode ser resolvido a partir de uma expressão antecedente singular. Tendo como questão central a resolução dessas anáforas, organizamos nosso trabalho a partir das seguintes perguntas: (i) como um nome singular licencia um pronome plural; (ii) que características do co-texto anterior ao pronome concorrem para a sua saturação. Segundo Landman (1989), grupos como “batalhão” podem alcançar denotação plural quando recebem uma predicação distributiva (e.g., foi vacinado), mas também podem ter uma denotação singular quando são predicados coletivamente (e.g., foi reorganizado). Em outras palavras, enquanto o predicado seleciona a pluralidade de membros que compõem o batalhão no primeiro caso, no segundo, o mesmo batalhão é predicado como instituição, i.e., como entidade singular. A vagueza da expressão, portanto, permitiria uma retomada anafórica plural, retomada essa que ocorreria preferencialmente após uma predicação distributiva. Com base nessas considerações, presumimos que a leitura coletiva ou distributiva determinada pelo predicado poderia influenciar a resolução pronominal, se considerarmos

a saturação anafórica como produto de expectativas geradas pelos leitores acerca de quais referentes têm chances de serem mencionados em partes subsequentes do texto (Kehler, 2007). Para testar esta hipótese, elaboramos dois experimentos. No primeiro deles, para investigarmos a possibilidade de termos de grupo atingirem uma denotação singular ou plural a partir de predicados coletivos ou distributivos, pedimos aos participantes que completassem sentenças como “Para viajar ao exterior, o batalhão foi vacinado” apontando o agente da oração. Os resultados indicam que a continuação para predicados coletivos era preferencialmente um agente singular, enquanto para os distributivos o agente dado tendia a ser plural. Tal diferença, reportada como estatisticamente significativa (McNemar teste  $\chi^2$ : 4.93,  $p = 0,0264$ ), indica que um predicado distributivo, ao predicar os membros de um grupo, privilegiaria um agente plural que agiria sobre essa pluralidade. Por outro lado, a singularidade instanciada por um predicado coletivo prescindiria desse agente plural. Em um segundo experimento, os sujeitos liam sentenças com anáforas conceituais cujo antecedente era predicado coletivo ou distributivamente. O tempo de leitura do pronome nessas duas situações foi comparado, apontando para um tempo significativamente maior quando o pronome seguia uma predicação coletiva (ANOVA:  $F_1 = (4,508) 0,351$ ;  $p > 0,8$ ;  $F_2 = (1,139) 304,3327$ ;  $p < 0,01$ ). Ambos os resultados são interessantes, primeiramente, por evidenciarem outros aspectos que concorrem para a saturação da anáfora conceitual, identificando o processo como algo que se dá com ajuda de outros elementos que não apenas a expressão antecedente.

### **Referências Bibliográficas:**

- Landmann, F. 1989. Groups I&II. *Linguistics and Philosophy*, n. 12, p. 559-605.
- Kehler, A.; Kertz, L.; Rohde, H.; Elman, J. 2007. Coherence and Coreference Revisited. *Journal of Semantics*: 25, p 1-44.

a saturação anafórica como produto de expectativas geradas pelos leitores acerca de quais referentes têm chances de serem mencionados em partes subsequentes do texto (Kehler, 2007). Para testar esta hipótese, elaboramos dois experimentos. No primeiro deles, para investigarmos a possibilidade de termos de grupo atingirem uma denotação singular ou plural a partir de predicados coletivos ou distributivos, pedimos aos participantes que completassem sentenças como “Para viajar ao exterior, o batalhão foi vacinado” apontando o agente da oração. Os resultados indicam que a continuação para predicados coletivos era preferencialmente um agente singular, enquanto para os distributivos o agente dado tendia a ser plural. Tal diferença, reportada como estatisticamente significativa (McNemar teste  $\chi^2$ : 4.93,  $p = 0,0264$ ), indica que um predicado distributivo, ao predicar os membros de um grupo, privilegiaria um agente plural que agiria sobre essa pluralidade. Por outro lado, a singularidade instanciada por um predicado coletivo prescindiria desse agente plural. Em um segundo experimento, os sujeitos liam sentenças com anáforas conceituais cujo antecedente era predicado coletivo ou distributivamente. O tempo de leitura do pronome nessas duas situações foi comparado, apontando para um tempo significativamente maior quando o pronome seguia uma predicação coletiva (ANOVA:  $F_1 = (4,508) 0,351$ ;  $p > 0,8$ ;  $F_2 = (1,139) 304,3327$ ;  $p < 0,01$ ). Ambos os resultados são interessantes, primeiramente, por evidenciarem outros aspectos que concorrem para a saturação da anáfora conceitual, identificando o processo como algo que se dá com ajuda de outros elementos que não apenas a expressão antecedente.

### **Referências Bibliográficas:**

- Landmann, F. 1989. Groups I&II. *Linguistics and Philosophy*, n. 12, p. 559-605.
- Kehler, A.; Kertz, L.; Rohde, H.; Elman, J. 2007. Coherence and Coreference Revisited. *Journal of Semantics*: 25, p 1-44.

## ***O vinho é festa! Análise de crónica radiofónica sobre o vinho***

Carla Teixeira

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa | Bolseira FCT

loislane23@sapo.pt

Este trabalho dará conta dos elementos composicionais e temáticos presentes numa crónica radiofónica sobre o vinho, enquanto representante do género; analisar-se-á, também, a orientação argumentativa do texto veiculando a representação do vinho como participante e objecto de celebração.

Tendo por base o pressuposto de que vivemos um terceiro estado da sociedade de consumo, a sociedade do hiper-consumo, e de que esta se orienta em função de princípios hedonistas e de vivências de experiências (Lipovetsky 2007), os textos são as evidências materiais destas representações hedonistas, passíveis de reconstrução pela análise linguística.

Para dar conta da complexidade do exemplar de texto, combinar-se-ão diferentes contributos teóricos de perspectiva interdisciplinar. Para além da Lógica Natural de Grize, privilegiar-se-á os enquadramentos teóricos da Teoria do Texto e do Interaccionismo Socio-Discursivo, assumindo uma perspectiva de análise descendente e relacionando actividade de linguagem (contexto de produção), género (modelo textual) e texto/acção (propriamente dito) com as temáticas do vinho e do hedonismo.

Enquadrado o texto nas actividades jornalística e enológica, a análise do exemplar da crónica radiofónica sobre o vinho deter-se-á na composicionalidade e na temática: primeiro, far-se-á o levantamento das diversas unidades textuais (verbais e não verbais) que compõem o género ao qual o texto pertence; depois, identificar-se-á as unidades que orientam o leitor/ouvinte na formulação da representação de hedonismo associado ao vinho, nomeadamente, do ponto de vista da temática e do uso de conectores na definição da orientação argumentativa; finalmente, reflectir-se-á sobre o papel orientador das actividades sociais na expressão da temática e nas quais o texto se inscreve.

A análise textual permitirá identificar macro-unidades temáticas formuladoras da experiência hedonista pelo vinho, verificando-se uma orientação clara da actividade na produção textual. A sistematização dos dados desta análise permitirá afirmar que a reconstrução da representação conjugada do hedonismo e do vinho é promotora da sociedade do hiper-consumo, neste caso, através da celebração ou da festa. As conclusões deste exercício serão alargadas em trabalho sistemático de doutoramento em tese de textos sobre o vinho.

## ***O vinho é festa! Análise de crónica radiofónica sobre o vinho***

Carla Teixeira

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa | Bolseira FCT

loislane23@sapo.pt

Este trabalho dará conta dos elementos composicionais e temáticos presentes numa crónica radiofónica sobre o vinho, enquanto representante do género; analisar-se-á, também, a orientação argumentativa do texto veiculando a representação do vinho como participante e objecto de celebração.

Tendo por base o pressuposto de que vivemos um terceiro estado da sociedade de consumo, a sociedade do hiper-consumo, e de que esta se orienta em função de princípios hedonistas e de vivências de experiências (Lipovetsky 2007), os textos são as evidências materiais destas representações hedonistas, passíveis de reconstrução pela análise linguística.

Para dar conta da complexidade do exemplar de texto, combinar-se-ão diferentes contributos teóricos de perspectiva interdisciplinar. Para além da Lógica Natural de Grize, privilegiar-se-á os enquadramentos teóricos da Teoria do Texto e do Interaccionismo Socio-Discursivo, assumindo uma perspectiva de análise descendente e relacionando actividade de linguagem (contexto de produção), género (modelo textual) e texto/acção (propriamente dito) com as temáticas do vinho e do hedonismo.

Enquadrado o texto nas actividades jornalística e enológica, a análise do exemplar da crónica radiofónica sobre o vinho deter-se-á na composicionalidade e na temática: primeiro, far-se-á o levantamento das diversas unidades textuais (verbais e não verbais) que compõem o género ao qual o texto pertence; depois, identificar-se-á as unidades que orientam o leitor/ouvinte na formulação da representação de hedonismo associado ao vinho, nomeadamente, do ponto de vista da temática e do uso de conectores na definição da orientação argumentativa; finalmente, reflectir-se-á sobre o papel orientador das actividades sociais na expressão da temática e nas quais o texto se inscreve.

A análise textual permitirá identificar macro-unidades temáticas formuladoras da experiência hedonista pelo vinho, verificando-se uma orientação clara da actividade na produção textual. A sistematização dos dados desta análise permitirá afirmar que a reconstrução da representação conjugada do hedonismo e do vinho é promotora da sociedade do hiper-consumo, neste caso, através da celebração ou da festa. As conclusões deste exercício serão alargadas em trabalho sistemático de doutoramento em tese de textos sobre o vinho.



Este trabalho pretende ser um contributo prático sobre o papel orientador da actividade na produção textual e sobre as representações da sociedade contemporânea através da combinação do vinho e do hedonismo.

### **Referências bibliográficas:**

- Bronckart, J.P. 2006. *Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano*. Campinas: Mercado de Letras.
- Coutinho, A. 2003. *Texto(s) e Competência Textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-FCT.
- Coutinho, A. 2009. Marcadores discursivos e tipos de discurso. In Valentim, H.T. & Moreira, B. (orgs). *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* n.º 2, pp. 193-210.
- Grize, J.B. 1990. *Logique et Langage*. Paris: Ophrys.
- Lipovetsky, G. 2007. *A Felicidade Paradoxal – Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.

### **Terminologia e diacronia – a neologia semântica em questão**

Sebastião Silva Filho

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa | Bolseiro FCT

sebafilho@hotmail.com

A presente comunicação insere-se no âmbito de um estudo em terminologia, lexicografia de especialidade e semântica lexical, no qual propomos observar e analisar o termo como uma unidade lexical especializada que está sujeita a variação diacrônica.

Em relação ao nosso estudo, consideramos que a variação diacrônica comporta-se como um fenómeno, no qual um termo já existente passa a absorver novos sentidos.

A variação diacrônica concede uma dinâmica à análise e à descrição do termo, pelo fato da mudança, da evolução e da atualização serem características inerentes ao funcionamento do termo em distintas ocorrências no contexto.

Tendo em conta estas observações, falaremos em neologia semântica, como uma forma de criação que implica o surgimento de um novo significado em relação a um significante já existente.

A neologia semântica pressupõe um processo dinâmico na criação de sentidos ou de conceitos no seio de um dado domínio de especialidade. Contudo, esse fenómeno é um tipo de criação neológica difícil de delimitar.

Este trabalho pretende ser um contributo prático sobre o papel orientador da actividade na produção textual e sobre as representações da sociedade contemporânea através da combinação do vinho e do hedonismo.

### **Referências bibliográficas:**

- Bronckart, J.P. 2006. *Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano*. Campinas: Mercado de Letras.
- Coutinho, A. 2003. *Texto(s) e Competência Textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-FCT.
- Coutinho, A. 2009. Marcadores discursivos e tipos de discurso. In Valentim, H.T. & Moreira, B. (orgs). *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* n.º 2, pp. 193-210.
- Grize, J.B. 1990. *Logique et Langage*. Paris: Ophrys.
- Lipovetsky, G. 2007. *A Felicidade Paradoxal – Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.

### **Terminologia e diacronia – a neologia semântica em questão**

Sebastião Silva Filho

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa | Bolseiro FCT

sebafilho@hotmail.com

A presente comunicação insere-se no âmbito de um estudo em terminologia, lexicografia de especialidade e semântica lexical, no qual propomos observar e analisar o termo como uma unidade lexical especializada que está sujeita a variação diacrônica.

Em relação ao nosso estudo, consideramos que a variação diacrônica comporta-se como um fenómeno, no qual um termo já existente passa a absorver novos sentidos.

A variação diacrônica concede uma dinâmica à análise e à descrição do termo, pelo fato da mudança, da evolução e da atualização serem características inerentes ao funcionamento do termo em distintas ocorrências no contexto.

Tendo em conta estas observações, falaremos em neologia semântica, como uma forma de criação que implica o surgimento de um novo significado em relação a um significante já existente.

A neologia semântica pressupõe um processo dinâmico na criação de sentidos ou de conceitos no seio de um dado domínio de especialidade. Contudo, esse fenómeno é um tipo de criação neológica difícil de delimitar.

Propomos a realização desse estudo no domínio terminológico da Toxicodependência. A opção por este domínio resulta da observação de corpora de especialidade (corpus textual e corpus lexicográfico) constituído para analisar e descrever o comportamento dos termos.

Optamos por analisar somente o termo “droga”, tendo em conta que, a partir dessa unidade, é possível se chegar a um melhor entendimento do fenômeno da toxicodependência, pois, como observamos nas leituras sobre o assunto, o termo “droga” caracteriza-se por uma multiplicidade de conceitos ou de sentidos que envolvem aspectos sociais, culturais, jurídicos, médicos, enfim, distintos pontos de vista que convergem para a variação tanto sincrônica quanto diacrônica do termo.

Observaremos o termo “droga”, em situação de contexto, uma vez que é a partir desta entidade lingüística que se constrói a identidade dessa unidade, que pode ser traduzido por um novo conceito ou por uma nova particularidade de um conceito, objetivando desfazer qualquer tipo de ambiguidade.

**On the lexicographic treatment of polysemous verbs in Greek-English Electronic Dictionaries: the case of *ανοίγω* [an'ɣo]{open/turn on/unfold etc.}**

Mary Marin

University of Athens

marygckmarin@yahoo.gr

This paper presents the results of a study whose main objective was to suggest specifications for the creation of a bilingual electronic dictionary for High-School Greek-speaking learners of English that will cater for production needs. More specifically, it discusses the issue of how certain verbs, especially troublesome for high school Greek learners of English, have been dealt with in Greek-English dictionaries. The extent to which four print dictionaries have succeeded in providing and explaining English equivalents of selected verbs is investigated and five electronic Greek-English dictionaries are evaluated, while the microstructure of *ανοίγω* is examined in detail in two on-line ones. Since different configurations are required for entries describing verbs, these are illustrated first by pinpointing the weaknesses and omissions of existing print and electronic dictionaries and finally by designing their microstructure for an electronic bilingual dictionary targeted at Greek High School learners mainly for productive use. Finally, the proposed verb entry is presented in detail.

Propomos a realização desse estudo no domínio terminológico da Toxicodependência. A opção por este domínio resulta da observação de corpora de especialidade (corpus textual e corpus lexicográfico) constituído para analisar e descrever o comportamento dos termos.

Optamos por analisar somente o termo “droga”, tendo em conta que, a partir dessa unidade, é possível se chegar a um melhor entendimento do fenômeno da toxicodependência, pois, como observamos nas leituras sobre o assunto, o termo “droga” caracteriza-se por uma multiplicidade de conceitos ou de sentidos que envolvem aspectos sociais, culturais, jurídicos, médicos, enfim, distintos pontos de vista que convergem para a variação tanto sincrônica quanto diacrônica do termo.

Observaremos o termo “droga”, em situação de contexto, uma vez que é a partir desta entidade lingüística que se constrói a identidade dessa unidade, que pode ser traduzido por um novo conceito ou por uma nova particularidade de um conceito, objetivando desfazer qualquer tipo de ambiguidade.

**On the lexicographic treatment of polysemous verbs in Greek-English Electronic Dictionaries: the case of *ανοίγω* [an'ɣo]{open/turn on/unfold etc.}**

Mary Marin

University of Athens

marygckmarin@yahoo.gr

This paper presents the results of a study whose main objective was to suggest specifications for the creation of a bilingual electronic dictionary for High-School Greek-speaking learners of English that will cater for production needs. More specifically, it discusses the issue of how certain verbs, especially troublesome for high school Greek learners of English, have been dealt with in Greek-English dictionaries. The extent to which four print dictionaries have succeeded in providing and explaining English equivalents of selected verbs is investigated and five electronic Greek-English dictionaries are evaluated, while the microstructure of *ανοίγω* is examined in detail in two on-line ones. Since different configurations are required for entries describing verbs, these are illustrated first by pinpointing the weaknesses and omissions of existing print and electronic dictionaries and finally by designing their microstructure for an electronic bilingual dictionary targeted at Greek High School learners mainly for productive use. Finally, the proposed verb entry is presented in detail.

The methodological procedure comprised both qualitative and quantitative criteria: qualitative, in that it included an investigation into the needs and pre-existing skills of the target group, as well as the content and structure of the lemmata as presented in print and electronic bilingual dictionaries, but also quantitative for it not only took into account the frequency of verbs used in Greek and EFL educational material and the nature of errors made by students in EFL exams, but also made use of the corpora to provide frequencies and enhance senses and examples. A total of 388 high school students of various levels were tested in relation to some of the most troublesome and frequently tested verbs in EFL exams.

False-beginners and elementary level students produced rather poor results especially in reference to morphology, grammar and syntax. The majority of intermediate and upper-intermediate students produced fairly competent responses, particularly with regard to tenses and recognition of fixed expressions or idioms. As far as translation was concerned, word order issues were evident. The evaluation of results, combined with a comparison of the microstructure of these verbs in monolingual and bilingual print and electronic dictionaries, revealed potential areas of improvement in the design of the dictionary entries mainly in terms of organization of the lemmata, enhancement of the definitions and enrichment of examples in order to maximize lexical coverage and grammatical information.

To this end, information was gathered through a thorough research in the corpora: the “British National Corpus” and the “Hellenic National Corpus” accessed through the “Sketch Engine”. The inter-related, inter-compatible example sentences were compared and contrasted to create a rich Greek-English database,<sup>2</sup> parts of which were selected to exemplify the verb template and build the entry for the proposed electronic learners’ dictionary.

---

<sup>2</sup> The theoretical frameworks that inform the databases are Frame semantics (Fillmore: 1985, Fillmore & Atkins: 1992), cognitive semantics (Lakoff & Johnson: 1980), as well as the contextual theory of meaning and Corpus Linguistics (Firth: 1957, Sinclair: 1991 & 2003).

The methodological procedure comprised both qualitative and quantitative criteria: qualitative, in that it included an investigation into the needs and pre-existing skills of the target group, as well as the content and structure of the lemmata as presented in print and electronic bilingual dictionaries, but also quantitative for it not only took into account the frequency of verbs used in Greek and EFL educational material and the nature of errors made by students in EFL exams, but also made use of the corpora to provide frequencies and enhance senses and examples. A total of 388 high school students of various levels were tested in relation to some of the most troublesome and frequently tested verbs in EFL exams.

False-beginners and elementary level students produced rather poor results especially in reference to morphology, grammar and syntax. The majority of intermediate and upper-intermediate students produced fairly competent responses, particularly with regard to tenses and recognition of fixed expressions or idioms. As far as translation was concerned, word order issues were evident. The evaluation of results, combined with a comparison of the microstructure of these verbs in monolingual and bilingual print and electronic dictionaries, revealed potential areas of improvement in the design of the dictionary entries mainly in terms of organization of the lemmata, enhancement of the definitions and enrichment of examples in order to maximize lexical coverage and grammatical information.

To this end, information was gathered through a thorough research in the corpora: the “British National Corpus” and the “Hellenic National Corpus” accessed through the “Sketch Engine”. The inter-related, inter-compatible example sentences were compared and contrasted to create a rich Greek-English database,<sup>2</sup> parts of which were selected to exemplify the verb template and build the entry for the proposed electronic learners’ dictionary.

---

<sup>2</sup> The theoretical frameworks that inform the databases are Frame semantics (Fillmore: 1985, Fillmore & Atkins: 1992), cognitive semantics (Lakoff & Johnson: 1980), as well as the contextual theory of meaning and Corpus Linguistics (Firth: 1957, Sinclair: 1991 & 2003).

## As representações do professor sobre o seu agir em situação de socialização profissional

Camila Peixoto

Universidade Federal do Ceará | Bolseira CAPES

camilammpeixoto@yahoo.com.br

Este trabalho é parte de um projeto de doutorado, em que analisamos as representações do papel do professor, expressas em seu dizer, em uma formação de educadores, desenvolvida pelo grupo GEPLA, do PROJOVEM urbano Fortaleza. Dessa forma, queremos contribuir com a discussão do importante papel da formação de educadores para o desenvolvimento de um agir reflexivo do docente. Tivemos dez encontros, durante todo o ano de 2009. Mas, para este trabalho, fizemos o recorte de apenas um encontro da formação de educadores, em que os professores socializavam suas experiências profissionais na resolução de problemas que são compartilhados pelo grupo. Nosso objetivo é buscar indícios de como o professor percebe o seu papel e o re-significa a partir da intervenção dos colegas e dos formadores. Utilizamos categorias de análise do quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, pois ajudam a clarificar as relações entre trabalho e linguagem (BRONCKART, 1999, 2004, 2008). Dentro dessa perspectiva, verificamos, nos textos produzidos por dois professores participantes da formação continuada, os *tipos de discurso*, que são mobilizados por esses indivíduos, quando estes textualizam suas práticas, e os *papéis semânticos* (BRONCKART e MACHADO, 2004) que são assumidos por esses professores. Na análise, verificamos que os professores, na socialização de suas práticas, utilizam, principalmente, o *discurso interativo* e o *relato interativo*. O primeiro, *discurso interativo*, é usado pelos professores quando estes se dirigem aos participantes imediatos da interação, ou seja, os colegas professores e o formador; o segundo, relato interativo, é utilizado quando o professor tematiza a sua ação em sala de aula. Com relação aos *papéis semânticos*, verificamos que o professor, normalmente, se coloca como *ator* de suas ações, ou seja, utiliza formas textuais que o colocam como fonte de um processo de ação, capaz, assim, de pilotar o projeto de ensino (BRONCKART, 2006). Diante dos resultados, reforçamos a importância que deve ter a formação continuada na tomada de consciência do professor de seu papel ativo na busca de resolução de problemas, sendo este profissional capaz de intervir, modificar, recriar e até mesmo subverter o que está posto nos documentos que prescrevem o seu agir.

## As representações do professor sobre o seu agir em situação de socialização profissional

Camila Peixoto

Universidade Federal do Ceará | Bolseira CAPES

camilammpeixoto@yahoo.com.br

Este trabalho é parte de um projeto de doutorado, em que analisamos as representações do papel do professor, expressas em seu dizer, em uma formação de educadores, desenvolvida pelo grupo GEPLA, do PROJOVEM urbano Fortaleza. Dessa forma, queremos contribuir com a discussão do importante papel da formação de educadores para o desenvolvimento de um agir reflexivo do docente. Tivemos dez encontros, durante todo o ano de 2009. Mas, para este trabalho, fizemos o recorte de apenas um encontro da formação de educadores, em que os professores socializavam suas experiências profissionais na resolução de problemas que são compartilhados pelo grupo. Nosso objetivo é buscar indícios de como o professor percebe o seu papel e o ressignifica a partir da intervenção dos colegas e dos formadores. Utilizamos categorias de análise do quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, pois ajudam a clarificar as relações entre trabalho e linguagem (BRONCKART, 1999, 2004, 2008). Dentro dessa perspectiva, verificamos, nos textos produzidos por dois professores participantes da formação continuada, os *tipos de discurso*, que são mobilizados por esses indivíduos, quando estes textualizam suas práticas, e os *papéis semânticos* (BRONCKART e MACHADO, 2004) que são assumidos por esses professores. Na análise, verificamos que os professores, na socialização de suas práticas, utilizam, principalmente, o *discurso interativo* e o *relato interativo*. O primeiro, *discurso interativo*, é usado pelos professores quando estes se dirigem aos participantes imediatos da interação, ou seja, os colegas professores e o formador; o segundo, relato interativo, é utilizado quando o professor tematiza a sua ação em sala de aula. Com relação aos *papéis semânticos*, verificamos que o professor, normalmente, se coloca como *ator* de suas ações, ou seja, utiliza formas textuais que o colocam como fonte de um processo de ação, capaz, assim, de pilotar o projeto de ensino (BRONCKART, 2006). Diante dos resultados, reforçamos a importância que deve ter a formação continuada na tomada de consciência do professor de seu papel ativo na busca de resolução de problemas, sendo este profissional capaz de intervir, modificar, recriar e até mesmo subverter o que está posto nos documentos que prescrevem o seu agir.



## Um estudo sobre a construção *ser* + *particípio* passado inacusativo em Português Antigo

Ana Guilherme

Universidade de Lisboa

anabrugui@gmail.com

A comunicação individual que se pretende apresentar é a investigação levada a cabo no âmbito de uma dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa, nomeadamente em sintaxe histórica. Esta tese trata a construção de tempo composto medieval *ser* + *particípio* passado inacusativo. O trabalho desenvolvido teve como objectivo maior a descrição desta construção. No entanto, tentou-se não se perder de vista uma abordagem mais explicativa que desse conta das razões para o desaparecimento do verbo *ser* como auxiliar de tempo composto.

Têm sido vários os estudos que se dedicam à emergência do tempo composto em Português, mas quase todos eles investigam a evolução de *ter* e *haver* na formação de tempo composto, excluindo muitas vezes a construção analisada neste trabalho. Neste sentido, este estudo torna-se relevante na medida em que dá um contributo para o conhecimento desta estrutura e para o conhecimento do verbo *ser* como verbo auxiliar.

Nesta dissertação trabalhou-se em torno da hipótese de que os verbos ‘locativos’ serem verbos auxiliares em muitas línguas do mundo. A hipótese é suportada por vários estudos empíricos, dos quais se destacam Clark (1978) e Ribeiro (1996), autora que realizou um trabalho sobre a relação dos verbos locativos com a formação de tempo composto em Português Europeu. Por outro lado, a mudança que afectou a construção estudada é entendida no quadro da teoria generativa. Lightfoot (1979, 1999, 2006) é uma figura central no quadro generativista sobre a mudança linguística, e os seus estudos têm-se desenvolvido em torno de duas concepções fundamentais: (i) a mudança sintáctica está intimamente associada com a aquisição da linguagem, e (ii) a mudança paramétrica, que decorre nessa fase da vida do falante, é o único mecanismo capaz de dar conta da mudança linguística.

Este trabalho utilizou um *corpus* constituído por textos literários e não literários dos séculos XIII ao XVI, a partir dos quais foram isoladas todas as construções de *ser* + *particípio* passado inacusativo. Depois de recolhidos os dados, e através da observação dos mesmos, pretendeu-se atingir os objectivos mencionados anteriormente dando resposta a duas questões centrais: (i) até quando é que a perífrase *ser* + PtP inacusativo se manteve na língua? (ii) terá sido a perda do traço Locativo que provocou a reanálise destas estruturas, ou houve outras causas para essa mudança na gramática?

## Um estudo sobre a construção *ser* + *particípio* passado inacusativo em Português Antigo

Ana Guilherme

Universidade de Lisboa

anabrugui@gmail.com

A comunicação individual que se pretende apresentar é a investigação levada a cabo no âmbito de uma dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa, nomeadamente em sintaxe histórica. Esta tese trata a construção de tempo composto medieval *ser* + *particípio* passado *inacusativo*. O trabalho desenvolvido teve como objectivo maior a descrição desta construção. No entanto, tentou-se não se perder de vista uma abordagem mais explicativa que desse conta das razões para o desaparecimento do verbo *ser* como auxiliar de tempo composto.

Têm sido vários os estudos que se dedicam à emergência do tempo composto em Português, mas quase todos eles investigam a evolução de *ter* e *haver* na formação de tempo composto, excluindo muitas vezes a construção analisada neste trabalho. Neste sentido, este estudo torna-se relevante na medida em que dá um contributo para o conhecimento desta estrutura e para o conhecimento do verbo *ser* como verbo auxiliar.

Nesta dissertação trabalhou-se em torno da hipótese de que os verbos ‘locativos’ serem verbos auxiliares em muitas línguas do mundo. A hipótese é suportada por vários estudos empíricos, dos quais se destacam Clark (1978) e Ribeiro (1996), autora que realizou um trabalho sobre a relação dos verbos locativos com a formação de tempo composto em Português Europeu. Por outro lado, a mudança que afectou a construção estudada é entendida no quadro da teoria generativa. Lightfoot (1979, 1999, 2006) é uma figura central no quadro generativista sobre a mudança linguística, e os seus estudos têm-se desenvolvido em torno de duas concepções fundamentais: (i) a mudança sintáctica está intimamente associada com a aquisição da linguagem, e (ii) a mudança paramétrica, que decorre nessa fase da vida do falante, é o único mecanismo capaz de dar conta da mudança linguística.

Este trabalho utilizou um *corpus* constituído por textos literários e não literários dos séculos XIII ao XVI, a partir dos quais foram isoladas todas as construções de *ser* + *particípio* passado inacusativo. Depois de recolhidos os dados, e através da observação dos mesmos, pretendeu-se atingir os objectivos mencionados anteriormente dando resposta a duas questões centrais: (i) até quando é que a perífrase *ser* + PtP inacusativo se manteve na língua? (ii) terá sido a perda do traço Locativo que provocou a reanálise destas estruturas, ou houve outras causas para essa mudança na gramática?

Os resultados obtidos permitiram retirar as seguintes conclusões: esta construção manteve-se na língua pelo menos até ao século XV e pode-se localizar a existência de tempo composto desde o século XIII – data da documentação mais antiga deste estudo. No que concerne à correlação entre verbo “locativo” e verbo auxiliar esta parece verificar-se. Todavia, este trabalho também demonstrou que o conhecimento do verbo *ser* como auxiliar de tempo composto passa, necessariamente, por um estudo comparativo do desenvolvimento diacrónico de *haver* e *ter* e *estar*. Neste sentido, esta comunicação também pretende dar continuidade ao caminho iniciado por esta tese.

### Referências Bibliográficas:

- Clark, E.V. 1978. “Locational: Existential, Locative and Possessive Constructions” in Joseph Greenberg (org.) *Universals of Human Language*, vol. 4, Stanford, Stanford University Press.
- Lightfoot, D. 2006. *How new languages emerge*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Ribeiro, I. 1993. “A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*”, in *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a *Fernando Tarallo*, Ian Roberts e Mary Kato (orgs), Campinas, Editora da Unicamp, pp.343-386.

### A sintaxe cartográfica de ‘lá’ no português brasileiro

Bruna Pereira

Universidade Federal de Minas Gerais | Bolseira CAPES

brunaufmg@yahoo.com.br

Nesta pesquisa, analisamos estruturas com ‘lá’ no português brasileiro (PB), algumas das quais estão listadas abaixo:

(1) Dêitico

Olhe lá o arco-íris.

(2) Questão retórica

Eu (lá) tenho (lá) cara de enciclopédia?

(3) Negação

A: Quantos litros cabem aqui?

B: Sei lá.

Os resultados obtidos permitiram retirar as seguintes conclusões: esta construção manteve-se na língua pelo menos até ao século XV e pode-se localizar a existência de tempo composto desde o século XIII – data da documentação mais antiga deste estudo. No que concerne à correlação entre verbo “locativo” e verbo auxiliar esta parece verificar-se. Todavia, este trabalho também demonstrou que o conhecimento do verbo *ser* como auxiliar de tempo composto passa, necessariamente, por um estudo comparativo do desenvolvimento diacrónico de *haver* e *ter* e *estar*. Neste sentido, esta comunicação também pretende dar continuidade ao caminho iniciado por esta tese.

### Referências Bibliográficas:

- Clark, E.V. 1978. “Locational: Existential, Locative and Possessive Constructions” in Joseph Greenberg (org.) *Universals of Human Language*, vol. 4, Stanford, Stanford University Press.
- Lightfoot, D. 2006. *How new languages emerge*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Ribeiro, I. 1993. “A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*”, in *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a *Fernando Tarallo*, Ian Roberts e Mary Kato (orgs), Campinas, Editora da Unicamp, pp.343-386.

### A sintaxe cartográfica de ‘lá’ no português brasileiro

Bruna Pereira

Universidade Federal de Minas Gerais | Bolseira CAPES

brunaufmg@yahoo.com.br

Nesta pesquisa, analisamos estruturas com ‘lá’ no português brasileiro (PB), algumas das quais estão listadas abaixo:

(1) Dêitico

Olhe lá o arco-íris.

(2) Questão retórica

Eu (lá) tenho (lá) cara de enciclopédia?

(3) Negação

A: Quantos litros cabem aqui?

B: Sei lá.

#### (4) Quantificação

Eu não tenho [lá tanto dinheiro].

Como apontado acima, com exceção de (1), ‘lá’ participa de diferenciadas construções sem apresentar valor dêitico locativo. Sugerimos que isto se deve ao fato de que ‘lá’ é inserido por ‘merge’ em spec de diferentes projeções funcionais na periferia esquerda do IP, do VP e do NP. Para isso, baseamo-nos na teoria dos especificadores funcionais (CINQUE, 1999) e nos estudos cartográficos (RIZZI (1997), BELLETI (2004), ABOH *et al* (2009), etc.).

Dentre as propostas disponíveis, de acordo com Martins (2010), ‘lá’ seria inserido por ‘merge’ em Spec,IP, dada a sua posição pós-verbal no português europeu (PE). Por sua vez, verbo e sujeito seriam movidos respectivamente para  $\Sigma^o$  e Spec, $\Sigma$ P acima de IP. Ademais, ‘lá’ seria marcador de negação em (5) “Eu estou lá um pouco preocupado. Estou morto de preocupação.” (MARTINS, 2010, p.2) e em sentenças correspondentes a (3) no PE. Finalmente, em (4), segundo Martins (2010), ‘lá’ seria um NPI.

Contudo, no PB, (5) seria agramatical se não recebesse entonação interrogativa como (2). Além disso, no PB, ‘lá’ pode ser pré-verbal (2) e, portanto, ocuparia uma posição mais alta que IP. Ademais, ‘lá’ não seria marcador de negação em (2,5), pois o efeito de negação é causado pela inversão de polaridade característica das questões retóricas (HAN, 1998) e não por ‘lá’, que é omissível. Quanto a (4), ‘lá’ não seria um NPI, pois NPIs não são compatíveis com quantificadores de polaridade positiva (\*Eu não tenho **nenhum** tanto dinheiro), enquanto ‘lá’ o é. Assim sendo, ‘lá’ seria marcador de negação apenas em (3), visto que sua omissão impossibilita a interpretação da resposta como negativa.

Diante disso, levantamos a hipótese segundo a qual ‘lá’ é inserido por ‘merge’ em Spec,FocusP, nas periferias do IP (2) e do VP (3), e em Spec,QP, na periferia do NP (4), conforme justificado brevemente adiante.

Em (2), ‘lá’ recebe foco entonacional e pode ocorrer com itens topicalizados à sua volta:

(2) a. (Teria) lá (teria) eu cara de enciclopédia?

Em (3), ‘lá’ é rigidamente pós-verbal (3a) e incompatível com advérbios baixos (3b) e com itens *wh* (3c).

(3) a. \*Lá sei.

(3) b. \*Sei lá mal.

(3) c. \*O que sei lá?

Em (4), ‘lá’ precede ‘tanto’ na estrutura nominal [lá tanto dinheiro]. Isto nos leva a acreditar que ‘lá’ esteja em Spec,QP. Logo, mesmo que Q<sup>o</sup> não seja foneticamente realizado, ‘lá’ assegura a checagem dos traços de quantificação:

#### (4) Quantificação

Eu não tenho [lá tanto dinheiro].

Como apontado acima, com exceção de (1), ‘lá’ participa de diferenciadas construções sem apresentar valor dêitico locativo. Sugerimos que isto se deve ao fato de que ‘lá’ é inserido por ‘merge’ em spec de diferentes projeções funcionais na periferia esquerda do IP, do VP e do NP. Para isso, baseamo-nos na teoria dos especificadores funcionais (CINQUE, 1999) e nos estudos cartográficos (RIZZI (1997), BELLETI (2004), ABOH *et al* (2009), etc.).

Dentre as propostas disponíveis, de acordo com Martins (2010), ‘lá’ seria inserido por ‘merge’ em Spec,IP, dada a sua posição pós-verbal no português europeu (PE). Por sua vez, verbo e sujeito seriam movidos respectivamente para  $\Sigma^o$  e Spec, $\Sigma$ P acima de IP. Ademais, ‘lá’ seria marcador de negação em (5) “Eu estou lá um pouco preocupado. Estou morto de preocupação.” (MARTINS, 2010, p.2) e em sentenças correspondentes a (3) no PE. Finalmente, em (4), segundo Martins (2010), ‘lá’ seria um NPI.

Contudo, no PB, (5) seria agramatical se não recebesse entonação interrogativa como (2). Além disso, no PB, ‘lá’ pode ser pré-verbal (2) e, portanto, ocuparia uma posição mais alta que IP. Ademais, ‘lá’ não seria marcador de negação em (2,5), pois o efeito de negação é causado pela inversão de polaridade característica das questões retóricas (HAN, 1998) e não por ‘lá’, que é omissível. Quanto a (4), ‘lá’ não seria um NPI, pois NPIs não são compatíveis com quantificadores de polaridade positiva (\*Eu não tenho **nenhum** tanto dinheiro), enquanto ‘lá’ o é. Assim sendo, ‘lá’ seria marcador de negação apenas em (3), visto que sua omissão impossibilita a interpretação da resposta como negativa.

Diante disso, levantamos a hipótese segundo a qual ‘lá’ é inserido por ‘merge’ em Spec,FocusP, nas periferias do IP (2) e do VP (3), e em Spec,QP, na periferia do NP (4), conforme justificado brevemente adiante.

Em (2), ‘lá’ recebe foco entonacional e pode ocorrer com itens topicalizados à sua volta:

(2) a. (Teria) lá (teria) eu cara de enciclopédia?

Em (3), ‘lá’ é rigidamente pós-verbal (3a) e incompatível com advérbios baixos (3b) e com itens *wh* (3c).

(3) a. \*Lá sei.

(3) b. \*Sei lá mal.

(3) c. \*O que sei lá?

Em (4), ‘lá’ precede ‘tanto’ na estrutura nominal [lá tanto dinheiro]. Isto nos leva a acreditar que ‘lá’ esteja em Spec,QP. Logo, mesmo que Q<sup>o</sup> não seja foneticamente realizado, ‘lá’ assegura a checagem dos traços de quantificação:

(4) a. Ele não é lá (toda) essa maravilha.

Enfim, argumentamos a favor da análise de ‘lá’ como especificador de projeções funcionais na periferia esquerda. Esta análise parece contemplar pelo menos mais sete usos de ‘lá’ no PB incluindo construções com: ‘ir’/‘vir’, imperativo, asserção enfática e quantificação universal.

### **Referências Bibliográficas:**

- Belletti, A. 2004. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, L. *The structure of CP and IP: The cartography of syntactic structures*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2004, v. 2. p. 16-51.
- Cinque, G. 1999. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York, Oxford University Press.
- Han, C. 1998. Deriving the interpretation of rhetorical questions. *Proceedings of the 16th West Coast Conference on Formal Linguistics*, Stanford, p. 237-253.
- Martins, A. (no prelo) Deictic locatives, emphasis and metalinguistic negation. In: GALVES, C. et al. (Eds). *Diachronic Syntax: Parameter Theory and Dynamics of Change*. Oxford University Press.
- Rizzi, L. 1997. The structure of left periphery. In: HAEGEMAN, L. *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer academic publishers. p. 281-337.

## **A Complementação acusativo-infinitivo no Latim – uma abordagem gerativa**

Jane Castro

Universidade de Brasília

janeoc20@yahoo.com.br

**Tópico:** O percurso da pesquisa sobre a complementação infinitiva no latim.

**Metodologia:** Estudo de fontes de latim dos períodos:

- latim arcaico de Plauto,
- latim clássico de Cícero e de César,
- latim pós-clássico de Petrónio e o latim cristão de São Jerônimo e Santo Agostinho

(4) a. Ele não é lá (toda) essa maravilha.

Enfim, argumentamos a favor da análise de ‘lá’ como especificador de projeções funcionais na periferia esquerda. Esta análise parece contemplar pelo menos mais sete usos de ‘lá’ no PB incluindo construções com: ‘ir’/‘vir’, imperativo, asserção enfática e quantificação universal.

### **Referências Bibliográficas:**

- Belletti, A. 2004. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, L. *The structure of CP and IP: The cartography of syntactic structures*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2004, v. 2. p. 16-51.
- Cinque, G. 1999. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York, Oxford University Press.
- Han, C. 1998. Deriving the interpretation of rhetorical questions. *Proceedings of the 16th West Coast Conference on Formal Linguistics*, Stanford, p. 237-253.
- Martins, A. (no prelo) Deictic locatives, emphasis and metalinguistic negation. In: GALVES, C. et al. (Eds). *Diachronic Syntax: Parameter Theory and Dynamics of Change*. Oxford University Press.
- Rizzi, L. 1997. The structure of left periphery. In: HAEGEMAN, L. *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer academic publishers. p. 281-337.

## **A Complementação acusativo-infinitivo no Latim – uma abordagem gerativa**

Jane Castro

Universidade de Brasília

janeoc20@yahoo.com.br

**Tópico:** O percurso da pesquisa sobre a complementação infinitiva no latim.

**Metodologia:** Estudo de fontes de latim dos períodos:

- latim arcaico de Plauto,
- latim clássico de Cícero e de César,
- latim pós-clássico de Petrónio e o latim cristão de São Jerônimo e Santo Agostinho



Sistematizar os dados tendo em vista os tipos de verbo matriz que selecionam a complementação infinitiva, a presença do caso acusativo, propor análise e explicação dos fenômenos encontrados à luz da Teoria Gerativa.

**Resultados e conclusões:** A complementação infinitiva latina é realizada pela construção *acusativo + infinitivo* em predicados específicos: verbos *dicendi, sciendi* etc. (cf. *Dico te venire* = Digo que tu vens). Daí as questões: que elemento licencia o caso acusativo do sujeito (lógico) da completiva já que este não encontra traços *phi* no verbo infinitivo? Como explicar estruturas do tipo *Dicitur Gallos in Italiam transisse* (É dito terem os gauleses atravessado a Itália), cujo verbo passivo não licencia acusativo? Compare-se com: *Galli dicuntur in Italiam transisse* (\*Os gauleses são ditos ter atravessado a Itália), em que *Galli* é o sujeito nominativo da matriz. Conforme Roberts (2007: 166), há um paralelo com as construções ECM do inglês, cujo verbo encaixado não apresenta flexão (*phi*), e o sujeito lógico do infinitivo é realizado como acusativo (cf. *I believe him to be intelligent* vs. *He is believed to be intelligent*). Cecchetto e Oniga (2001:6) lembram que o infinitivo latino apresenta marcação morfológica de tempo/aspecto e voz, donde se supõe um núcleo funcional (T) licenciador do caso acusativo. Mas, por que caso acusativo, já que T licencia nominativo e, na estrutura oracional latina, o sujeito como nominativo está associado à marcação *phi* e de tempo no verbo. A hipótese é: a realização do sujeito acusativo está relacionada à ausência de traços *phi* no infinitivo. Assim, supõe-se o acusativo ser uma categoria *default* na língua. Como em: *Ecce me* (Eis me) (cf. Ernout & Thomas 1993). Para caso *default*, ver Schütze (2001).

Junto ao requisito morfológico de realização do sujeito como acusativo, propõe-se o valor positivo do parâmetro que determina a capacidade de T estabelecer *Agree* na oração infinitiva associado aos contextos em que o tempo da oração subordinada é independente do tempo da matriz, como em construções *acusativo + infinitivo* complemento de verbos epistêmicos e declarativos (cf. Salles (2008)). Tal situação opõe-se àquela em que o *acusativo + infinitivo* ocorre com verbos volitivos e causativos/manipulativos, pois o complemento denota um evento possível/ hipotético, e o tempo da oração subordinada é dependente em relação ao da matriz, apresentando orientação para o futuro. Propõe-se que o acusativo é licenciado pelo verbo da matriz, o que explica que a complementação infinitiva tenha sido mantida nas línguas românicas com verbos matriz causativos, independentemente da perda da morfologia de tempo/aspecto do infinitivo (*O professor o fez sair*).

Sistematizar os dados tendo em vista os tipos de verbo matriz que selecionam a complementação infinitiva, a presença do caso acusativo, propor análise e explicação dos fenômenos encontrados à luz da Teoria Gerativa.

**Resultados e conclusões:** A complementação infinitiva latina é realizada pela construção *acusativo + infinitivo* em predicados específicos: verbos *dicendi, sciendi* etc. (cf. *Dico te venire* = Digo que tu vens). Daí as questões: que elemento licencia o caso acusativo do sujeito (lógico) da completiva já que este não encontra traços *phi* no verbo infinitivo? Como explicar estruturas do tipo *Dicitur Gallos in Italiam transisse* (É dito terem os gauleses atravessado a Itália), cujo verbo passivo não licencia acusativo? Compare-se com: *Galli dicuntur in Italiam transisse* (\*Os gauleses são ditos ter atravessado a Itália), em que *Galli* é o sujeito nominativo da matriz. Conforme Roberts (2007: 166), há um paralelo com as construções ECM do inglês, cujo verbo encaixado não apresenta flexão (*phi*), e o sujeito lógico do infinitivo é realizado como acusativo (cf. *I believe him to be intelligent* vs. *He is believed to be intelligent*). Cecchetto e Oniga (2001:6) lembram que o infinitivo latino apresenta marcação morfológica de tempo/aspecto e voz, donde se supõe um núcleo funcional (T) licenciador do caso acusativo. Mas, por que caso acusativo, já que T licencia nominativo e, na estrutura oracional latina, o sujeito como nominativo está associado à marcação *phi* e de tempo no verbo. A hipótese é: a realização do sujeito acusativo está relacionada à ausência de traços *phi* no infinitivo. Assim, supõe-se o acusativo ser uma categoria *default* na língua. Como em: *Ecce me* (Eis me) (cf. Ernout & Thomas 1993). Para caso *default*, ver Schütze (2001).

Junto ao requisito morfológico de realização do sujeito como acusativo, propõe-se o valor positivo do parâmetro que determina a capacidade de T estabelecer *Agree* na oração infinitiva associado aos contextos em que o tempo da oração subordinada é independente do tempo da matriz, como em construções *acusativo + infinitivo* complemento de verbos epistêmicos e declarativos (cf. Salles (2008)). Tal situação opõe-se àquela em que o *acusativo + infinitivo* ocorre com verbos volitivos e causativos/manipulativos, pois o complemento denota um evento possível/ hipotético, e o tempo da oração subordinada é dependente em relação ao da matriz, apresentando orientação para o futuro. Propõe-se que o acusativo é licenciado pelo verbo da matriz, o que explica que a complementação infinitiva tenha sido mantida nas línguas românicas com verbos matriz causativos, independentemente da perda da morfologia de tempo/aspecto do infinitivo (*O professor o fez sair*).